

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA

Benzer: Bem dizer, bem fazer - Caminhos de fé, ervas e resistência na medicina popular brasileira (2006-2025)

Maceió

2025

MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA

Benzer: Bem dizer, bem fazer: Caminhos de fé, ervas e resistência na medicina popular brasileira (2006-2025)

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em História

Orientador: Prof. Clara Suassuna
Fernandes

Maceió

2025

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Betânia Almeida dos Santos – CRB-4 – 1542

- S586b Silva, Marília Gabryella dos Santos.
Benzer: bem dizer, bem fazer – caminhos de fê, ervas e resistência na medicina popular brasileira (2006-2025) / Marília Gabryella dos Santos Silva. – 2025.
84 f.: il.
- Orientadora: Clara Suassuna Fernandes.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2025.
- Bibliografia: f. 74-78.
Anexos: f. 79-84.
1. Benzedeiras. 2. Medicina popular. 3. Patrimônio imaterial. 4. Benzedeiras – saber cultural. 5. Resistência cultural. I. Título.

CDU: 94:398.1

MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA

Benzer: Bem dizer, bem fazer - Caminhos de fé, ervas e resistência na medicina popular brasileira (2006-2025)

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à banca examinadora do curso
de Licenciatura em História da
Universidade Federal de Alagoas e
aprovada em 26 de maio de 2025.



Documento assinado digitalmente
CLARA SUASSUNA FERNANDES
Data: 27/05/2025 23:59:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Orientador(a) – Ma. Clara Suassuna Fernandes, Universidade Federal de Alagoas/UFAL)

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente
MICHELLE REIS DE MACEDO
Data: 28/05/2025 20:52:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Examinador(a) – Dra. Michelle Reis de Macedo, Universidade Federal de Alagoas/UFAL)



Documento assinado digitalmente
JOSE ROBERTO SANTOS LIMA
Data: 28/05/2025 19:26:40-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

(Examinador(a) – Prof Esp. José Roberto Santos Lima, Universidade Federal de Alagoas/UFAL)

Dedico a minha mãe, aos meus avôs e as
minhas amigas que acreditaram em mim.
A todas benzedeiras, rezadeiras e
curandeiras que continuam resistindo!

AGRADECIMENTOS

Sempre que pensei nesse momento, de agradecer, sempre me vinha várias ideias, várias palavras bonitas, mas agora que aqui estou, realmente minha gratidão por ter conseguido chegar aqui é tão grande, que me faltam palavras. Então começarei meus agradecimentos pelo mais clichê e sincero.

Agradeço a Deus e aos Espíritos de boa luz que me acompanharam até aqui, me protegendo e me guiando pelos melhores caminhos.

Agradeço a minha mãe Elizabete Maria, que nunca desistiu de mim e foi minha professora quando as escolas foram relapsas comigo, me ensinou a ler e a escrever, só não conseguiu me ensinar matemática, porque é uma missão impossível.

Agradeço aos meus avôs que foram base principal para que eu pudesse me dedicar aos estudos, privilegio que poucos tem. Meu avô, Jozenê Raimundo, que não está mais aqui em corpo físico, mas com toda certeza está me olhando de um lugar melhor e a minha avó, Eliete Maria, que me inspirou a escrever esse trabalho, que sempre me cura quando fico doente e fez parte desse trabalho como uma das entrevistadas.

Não poderia deixar de agradecer a minha base emocional, aos que muitas vezes me deram momentos de leveza, risos e palavras de apoio e conforto, esse trabalho é um pouco de vocês também. Não poderia deixar de destacar duas pessoas que muitas vezes disponibilizaram seu tempo para me ajudar nesse percurso, Renata Brandão e Francine Leoncio, obrigada por tudo.

As entrevistadas Maria do Rosário e Eliete Maria, também vão meus agradecimentos, obrigada por terem disponibilizado o tempo de vocês para agregar nessa pesquisa, por ter compartilhado um pouco da história de vocês, esse trabalho só se concretizou através dessas entrevistas, obrigada.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha orientadora Clara Suassuna Fernandes, por ter aceito me orientar, por ter me aconselhado e me dado o Norte quando me perdi, por ter tido paciência comigo e ter sido tão empática.

E ao departamento de História da Universidade Federal de Alagoas e sua grade de professores que enriqueceram minha formação e que são exemplos de profissionais a serem seguidos. Agradeço também aos professores da banca

avaliadora que disponibilizaram seu tempo para examinar este trabalho que chega ao seu término.

RESUMO

Este trabalho analisa, sob uma perspectiva histórica e cultural, a atuação das benzedeiras em Alagoas e outras regiões do Brasil, com ênfase em seus saberes tradicionais, práticas de cura e resistência frente à modernidade. A pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica e entrevistas com duas benzedeiras, destacando como esses saberes são transmitidos entre gerações, os desafios enfrentados, o preconceito e a adaptação às novas tecnologias. Os resultados apontam que, apesar da marginalização histórica, as benzedeiras continuam exercendo um papel essencial no cuidado popular e na preservação do patrimônio cultural. O trabalho evidencia, assim, o papel das benzedeiras como guardiãs da memória coletiva, da resistência popular e da diversidade cultural brasileira.

Palavras-chave: benzedeiras; medicina popular; saber tradicional; resistência cultural; patrimônio imaterial.

ABSTRACT

This work analyzes, from a historical and cultural perspective, the role of *benzedeiras* (folk healers) in Alagoas and other regions of Brazil, with emphasis on their traditional knowledge, healing practices, and resistance in the face of modernity. The research was based on a literature review and interviews with two *benzedeiras*, highlighting how these forms of knowledge are transmitted across generations, the challenges they face, the prejudice encountered, and their adaptation to new technologies. The results show that, despite historical marginalization, *benzedeiras* continue to play an essential role in community care and in preserving cultural heritage. This study thus highlights the role of *benzedeiras* as guardians of collective memory, popular resistance, and Brazilian cultural diversity.

Keywords: *benzedeiras*; folk medicine; traditional knowledge; cultural resistance; intangible heritage.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

p. – página

s.d. – sem data

[s.l.] – sem local de publicação

[s.n.] – sem nome do editor

AL – Alagoas

CE – Ceará

MASA – Movimento Aprendizes da Sabedoria

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PR – Paraná

SUS – Sistema Único de Saúde

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

LISTA DE SÍMBOLOS

% – Símbolo de porcentagem

“ ” – Aspas

– – Travessão

() – Parênteses

; – Ponto e vírgula

. – Ponto final

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - Quem são as benzedeiras?.....	17
1.1 - O papel da benzeadeira como liderança espiritual dentro da comunidade	21
CAPÍTULO 2 - Doenças, plantas e rezas que são usadas.....	23
2.1 - Mau-olhado/Olhado.....	24
2.2 - Ossos desmentidos.....	25
2.3 - Vento caído	25
2.4 - Cobreiro	26
CAPÍTULO 3 - A importância das rezas, as diferenças regionais e os conflitos de gerações.....	29
3.1 - A palavra que cura: rezas, orações e o poder simbólico nas práticas das benzedeiras.....	31
3.2 - A diversidade regional das práticas de benzeção	36
capítulo 4 - Historicamente, como a medicina popular é vista pela sociedade.....	39
4.1 - Medicina popular na Idade Média e Moderna	39
4.2 - Medicina popular no Brasil Colonial	42
4.3 - Institucionalização da medicina no Brasil e a exclusão dos saberes populares.....	43
4.4 - A revalorização recente das práticas populares e a incorporação no SUS	45
4.5 - A desqualificação da medicina popular no discurso médico e estatal	46
4.6 - O papel da memória na resistência dos saberes populares.....	47
4.7 - Entre a exclusão e o reconhecimento: tensões nas políticas públicas de saúde	47
4.8 - Território, espiritualidade e memória coletiva nas práticas de cura	48
4.9 - Considerações finais do capítulo.....	49
CAPÍTULO 5 - Preconceitos, estigmas, e dificuldades enfrentadas pelas benzedeiras	51
5.1 - A Criminalização Institucional	54

5.2 - O Silenciamento Epistêmico e a Desvalorização do Saber Ancestral	56
5.3 - Racismo e exclusão dos saberes populares	57
5.4 - Urbanização e a tentativa de criminalização do ofício das benzedeiras	58
5.5 - A relação entre a medicina popular e a medicina tradicional e a reformulação das benzedeiras no contexto das novas tecnologias	61
5.6 - Memória, linhagem e transformação: o saber das benzedeiras entre as gerações	64
5.7 - O desafio de manter a tradição frente à urbanização e ao ceticismo crescente	67
5.8 - Tecnologia, adaptação e tensões contemporâneas	70
Considerações finais	73
Referências	75
ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que vivemos o tempo da aceleração. Tudo acontece com tamanha rapidez que o presente vira passado em segundos. Uma notícia, uma tendência, uma memória — tudo o que não acompanha a velocidade dos novos tempos parece fadado ao esquecimento.

Nesse cenário, histórias, pessoas e tradições acabam sendo deixadas para trás. E, se não houver manutenção ou adaptação, são engolidas pelo silêncio. É nesse ritmo apressado da modernidade que nasce a necessidade de evocar certas memórias, de trazê-las de volta à “roda” para que continuem pulsando, existindo, resistindo.

É com esse espírito que este trabalho se propõe a refletir sobre a prática das benzedadeiras em Alagoas e em outras regiões do Brasil, compreendendo-a como um saber ancestral que atravessa o tempo, as gerações e os preconceitos. Desde muito nova, fui inserida nesse universo. Cresci observando minha avó passar folhas pelo meu corpo enquanto murmurava orações que eu não compreendia. Ela nunca se assumiu benzedeira.

Bastante católica, escondia seus gestos de cuidado por receio de ser mal interpretada, afinal, por muito tempo o ato de benzer foi associado — de forma preconceituosa — a práticas religiosas demonizadas, especialmente as de matriz africana. Por isso, realizar esta pesquisa também é um gesto pessoal: um modo de retribuir, de preservar e de desmistificar o que foi injustamente desacreditado.

A medicina popular brasileira é um campo de saberes que ultrapassa os limites da ciência institucionalizada e se manifesta através de práticas transmitidas oralmente, guiadas por valores culturais, espirituais e comunitários. Neste trabalho de conclusão de curso, a proposta é analisar historicamente essas práticas de cura, com ênfase na resistência, transformação e continuidade dos saberes das benzedadeiras diante da modernidade.

Para isso, foram realizadas entrevistas com duas mulheres alagoanas que mantêm viva essa tradição: Maria do Rosário Marques de Oliveira e Eliete Maria dos Santos Silva. Com fé, cuidado e generosidade, elas compartilham não apenas suas histórias, mas também o peso e a beleza de um ofício que insiste em permanecer.

A relevância deste estudo reside justamente na valorização desses saberes populares e na reflexão crítica sobre os preconceitos estruturais enfrentados por essas mulheres em um contexto onde a medicina biomédica ainda ocupa lugar privilegiado nas políticas públicas. Mais do que práticas terapêuticas, a benzeção carrega uma dimensão simbólica e política, e sua permanência — apesar dos silenciamentos históricos — revela uma força ancestral que precisa ser reconhecida, protegida e difundida.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, é feita uma apresentação da figura das benzedadeiras enquanto mulheres detentoras de saberes ancestrais, espirituais e comunitários. Por meio de narrativas pessoais, entrevistas e observações, o texto busca caracterizar quem são essas mulheres, como se formam dentro do ofício e qual o papel que exercem em suas comunidades. É nesse capítulo que aparecem as primeiras falas das benzedadeiras entrevistadas por mim – Maria do Rosário Marques de Oliveira e Eliete Maria dos Santos Silva.

O segundo capítulo aborda os recursos utilizados pelas benzedadeiras no processo de cura: as doenças que costumam tratar, os tipos de rezas utilizadas e as plantas medicinais mais comuns em seus rituais. São explorados os saberes sobre ervas, banhos, defumações e orações específicas, mostrando como esses elementos são acionados conforme o diagnóstico espiritual e emocional percebido pela benzedeira. A oralidade e a prática são as principais formas de transmissão desse conhecimento.

No terceiro capítulo, são discutidas as diversas formas que as práticas de benzeção assumem em diferentes regiões do país, considerando o contexto cultural e religioso local. Também é debatida a importância simbólica e terapêutica das rezas, especialmente como meio de conexão entre fé, corpo e cura. O capítulo traz ainda uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelas novas gerações para manter essas tradições, apontando tensões entre o passado e o presente, e entre o rural e o urbano.

O quarto capítulo investiga o lugar histórico ocupado pela medicina popular no Brasil e as disputas com a medicina oficial. São analisados os processos de desvalorização, silenciamento e, por vezes, criminalização dessas práticas, especialmente a partir da institucionalização da medicina no século XX. O texto

também mostra como, apesar dos obstáculos, a medicina popular resistiu e se adaptou, preservando-se como saber legítimo em diversas comunidades.

O último capítulo discute os preconceitos e estigmas enfrentados pelas benzedadeiras, principalmente relacionados à classe social, à religião e ao gênero. São analisadas as formas de discriminação e marginalização a que essas mulheres são submetidas, bem como as estratégias que utilizam para resistir. O uso das redes sociais e da tecnologia aparece como uma alternativa de visibilidade e valorização, embora também gere controvérsias entre as próprias benzedadeiras.

Diante da aceleração do tempo e do apagamento constante das memórias não institucionalizadas, este trabalho busca não apenas compreender as práticas das benzedadeiras, mas também reafirmar sua importância como patrimônio imaterial e parte viva da cultura brasileira. Que ao final dessa pesquisa, novas perguntas floresçam, novos olhares se abram e que o ato de benzer continue a ecoar — entre folhas, rezas e memórias — por muitas gerações.

CAPÍTULO 1 - QUEM SÃO AS BEZENDEIRAS?

As benzedadeiras também são conhecidas como rezadeiras, são mulheres que através de um conhecimento que pode ser adquirido por diferentes formas, sendo a tradição familiar um dos principais meios de transmissão, relatam ter aprendido a prática com suas mães, avós ou outros parentes, recebendo não apenas as rezas e o conhecimento sobre as plantas medicinais, mas também um senso de missão e compromisso com a cura.

Esse aprendizado acontece, geralmente, por meio da observação e da repetição, sendo consolidado ao longo dos anos, até que a pessoa esteja pronta para exercer a função de benzedeira de maneira independente. A entrevistada Maria do Rosário Marques de Oliveira, reforça essa visão ao relatar como adquiriu seu conhecimento: "Isso aí foi conhecimento adquirido do meu pai, lá atrás. Meu pai era curandeiro e além de curandeiro era índio e minha mãe cabocla". (Oliveira, 2025¹)

Entretanto, há aquelas que adquiriram o conhecimento por outras vias, seja por meio da prática autodidata, da observação de outras benzedadeiras ou até mesmo através de materiais escritos e audiovisuais. Algumas mulheres começam a benzer após sentirem um chamado espiritual ou receberem instruções por meio de sonhos e visões. Segundo Grayce Mayre Bonfim Souza:

Ela é considerada, e também se considera, portadora de um dom investido por Deus. Essas qualidades, dentre outras, são responsáveis pela legitimação e 'eficácia' (mesmo que simbólica) dessa agente da medicina popular e, também, fazem com que tenha uma credibilidade cada vez maior perante a comunidade em que vivem. (Souza, 2003, p.1)

Independentemente do meio pelo qual adquiriram seus conhecimentos, todas compartilham um ponto em comum: a crença na fé como elemento essencial da cura, como afirma Maria do Rosário "tem que se contar com a fé, por que você sem fé, você não chega a lugar nenhum."

As benzedadeiras veem sua prática como uma missão espiritual. Maria Almerinda, mencionada no artigo do G1, comenta que "Rezar e curar é um dom dado por Deus. Dom este que ao longo dos anos se torna uma missão porque quem recebe essa

¹ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

graça não pode deixar de ajudar aos outros. (G1 Alagoas², 2014)." Vilma dos Santos, outra benzedeira entrevistada pelo G1, comenta sobre a fé que os que as procuram precisam ter:

Graças a Deus não conheço ninguém que bateu na minha porta e recebeu uma bênção que não tenha saído curado ou melhor do que chegou. Bênção é coisa de Deus. É um dom que depende da fé de quem benze e de quem recebe a oração. Tem que acreditar, ter fé em Deus. (G1 Alagoas, 2014³)

A segunda entrevistada Eliete Maria dos Santos Silva⁴, também compartilha dessa visão "O paciente tem que ter fé, por que se ele não tiver fé, não adianta. Só a fé do curador, não adianta, a pessoa que está sendo curada, tem que ter fé também, muita fé para sair dali melhor."

Claude Lévi-Strauss ⁵(1996), em seu conhecido ensaio "O feiticeiro e sua magia", afirma que a eficácia das práticas de cura depende de três elementos essenciais: a crença do curandeiro em suas técnicas, a fé do doente no processo e o apoio coletivo da comunidade em torno dessa prática. A partir dessa ideia, é possível compreender que o benzimento só produz efeitos quando há uma disposição para acreditar, tanto por parte da benzedeira quanto da pessoa que busca o atendimento.

Muitas vezes, essas mulheres se veem como intermediárias entre o divino e os que precisam de cura — dizem que apenas "emprestam" suas mãos e palavras, enquanto a verdadeira cura vem de Deus, dos santos ou de outras entidades espirituais. Dessa forma, se a pessoa que busca o ritual não tiver fé nas rezas ou na benzedeira, dificilmente sentirá os efeitos esperados. Essa relação entre fé individual, prática ritual e reconhecimento coletivo é o que sustenta e legitima o papel da benzedeira dentro da comunidade.

² G1 ALAGOAS. BENZEDEIRAS DE COMUNIDADES NEGRAS DE AL MANTÊM TRADIÇÃO DA CURA PELA FÉ. DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html>. ACESSO EM: 3 JAN. 2025.

³ G1 ALAGOAS. BENZEDEIRAS DE COMUNIDADES NEGRAS DE AL MANTÊM TRADIÇÃO DA CURA PELA FÉ. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://G1.GLOBO.COM/AL/ALAGOAS/NOTICIA/2014/08/BENZEDEIRAS-DE-COMUNIDADES-NEGRAS-DE-AL-MANTEM-TRADICAO-DA-CURA-PELA-FE.HTML](https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html). ACESSO EM: 3 JAN. 2025.

⁴ SILVA, ELIETE MARIA DOS SANTOS. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

⁵ LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. O FEITICEIRO E SUA MAGIA. IN: ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL. 5. ED. RIO DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, 1996. P. 193-214.

Nesse sentido, as crenças que envolvem a transmissão dos saberes, refletem a profundidade simbólica desses rituais. Como afirma Francimário Vito dos Santos:

A transmissão das rezas a partir das relações de gênero está intimamente relacionada com o poder de cura das rezas fortes. De acordo com algumas rezadeiras, as rezas de cura só podem ser repassadas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher, e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Caso contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor. Na verdade, o segredo das rezas consiste justamente nessa questão da não transmissão das rezas entre pessoas do mesmo sexo. De fato, ao nível do discurso, essa premissa é recorrente, no entanto, na prática, não é tão rígida o quanto parece. Algumas afirmaram não acreditar que as suas rezas perdem as forças, caso sejam repassadas a outras mulheres. (Santos⁶, 2009, p.18)

Essa concepção demonstra que o conhecimento ritual não é apenas um saber prático, mas também simbólico, carregado de regras que envolvem o mistério, o respeito e a legitimidade dos ensinamentos recebidos e transmitidos.

Mesmo com o grande avanço da ciência no ramo da saúde, ainda existe uma procura considerável pelas benzedadeiras por parte da população, que ao decorrer do avanço da tecnologia, elas buscam acompanhar as novidades para se manterem na atividade.

A procura por essas mulheres e homens acontece principalmente nas cidades interioranas, onde as pessoas tem um acesso limitado aos postos de saúde ou por crença mesmo, preferem procurar primeiro uma benzedeira, de acordo com Heberlê⁷ (2013, p. 23): a medicina informal ou popular desempenha um papel significativo no nível da atenção primária à saúde, sendo frequentemente o primeiro recurso disponível para as pessoas no tratamento de doenças simples. Essas práticas, muitas vezes, ligadas à sabedoria tradicional, são fundamentais para comunidades.

Nos últimos anos, a medicina popular tem ganhado espaço entre diferentes camadas da população, principalmente à medida que certas práticas tradicionais demonstram eficácia em complementar tratamentos da medicina convencional. Um exemplo significativo é a incorporação das Práticas Integrativas e Complementares

⁶ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

⁷ HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

em Saúde (PICS⁸) no Sistema Único de Saúde (SUS), que atualmente oferece 29 modalidades terapêuticas, como fitoterapia, aromaterapia, meditação e yoga, em mais de 4 mil municípios brasileiros.

Essas práticas têm sido utilizadas para tratar condições como ansiedade, depressão, dores crônicas e hipertensão, evidenciando a valorização dos saberes tradicionais no contexto da saúde pública. Além disso, iniciativas como o Centro de Medicina Indígena da Amazônia, em Manaus, fundado por João Paulo Barreto⁹, têm promovido o uso de conhecimentos ancestrais indígenas, como o bahese (benzimento na língua Tukano), no tratamento de diversas enfermidades, incluindo reumatismo, diabetes e insônia. Essas ações demonstram a crescente aceitação e integração da medicina popular como complemento eficaz aos tratamentos convencionais.

Este fenômeno ocorre em especial entre aqueles que questionam ou desconfiam das limitações da medicina moderna, buscando alternativas mais holísticas e culturalmente enraizadas.

Além disso, muitos optam por uma abordagem híbrida, onde combinam os avanços da ciência com o conhecimento ancestral transmitido ao longo de gerações. Como destaca Oliveira, essa integração de saberes é cada vez mais comum:

Atualmente esta prática vem se abrindo a setores de população que, ou desacreditam da medicina erudita ou que combinam, sem ambiguidade, em determinados campos de mal, os conhecimentos da ciência aos do saber popular. (Oliveira, 1983, p.27-28¹⁰)

Complementando essa visão, Maria do Rosário relata que:

A medicina natural e a popular são parcerias, porque assim, a natural demora mais, é mais prolongada para fazer efeito, se for o caso de uma doença muito séria, então teria que procurar realmente um médico, né. A gente trabalha assim, já trabalhei até com pessoas que foram designadas de médicos e eu fiz aqui minhas garrafadas e ficaram boas, pessoas que chegaram desesperadas, mas eu não dispensei a medicina, realmente tem que existir a medicina, tem que existir os dois juntos, é parceria. (Oliveira, 2025¹¹)

⁸ MINISTÉRIO DA SAÚDE. TÉCNICAS DA MEDICINA TRADICIONAL, COMO HOMEOPATIA, MEDITAÇÃO E YOGA PODEM SER ENCONTRADAS NO SUS. 3 OUT. 2022. DISPONÍVEL EM: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/outubro/tecnicas-da-medicina-tradicional-como-homeopatia-meditacao-e-yoga-podem-ser-encontradas-no-sus>. ACESSO EM: 10 MAIO 2025.

⁹ WIKIPÉDIA. JOÃO PAULO BARRETO. DISPONÍVEL EM: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Paulo_Barreto. ACESSO EM: 10 MAIO 2025.

¹⁰ OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. DOENÇA, CURA E BENZEDURA: UM ESTUDO SOBRE O OFÍCIO DA BENZEDEIRA EM CAMPINAS. CAMPINAS: [S.N.], V. 1, 1983.

¹¹ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

As benzedadeiras e benzedores ocupam um papel central nas práticas de cura popular, sendo vistos como mediadores entre o mundo espiritual e o terreno. Sua prática é cercada de mistério e respeito, sendo considerada essencial em muitas comunidades. Como destacado por Laplantine e Rabeyron:

O benzedor(a) é o indivíduo que 'trata', 'benze', 'cura', esconjura, recorrendo essencialmente a um segredo que lhe foi legado por um parente, amigo, por meio de leitura ou aparição espiritual. Ele é, pois, um intermediário entre o homem e o sagrado, devendo conservar escrupulosamente esse ritual" (Laplantine e Rabeyron, 1989, p.52¹²).

Como já dito, as benzedadeiras desempenham um papel importante nas comunidades, utilizando orações e preces como ferramentas principais em suas práticas de cura. Muitas vezes, elas se apoiam em símbolos e imagens religiosas, especialmente do catolicismo, que pode variar entre as formas populares e mais institucionalizadas da religião. Esse vínculo com a fé católica reforça a legitimidade de suas ações dentro do contexto religioso local, conectando a prática à espiritualidade cristã.

Como observa Melo e Calheiros (2017, p.6¹³), as benzedadeiras possuem um amplo repertório de orações e costumam basear suas práticas nas imagens religiosas do catolicismo popular e institucional.

Porém, vale ressaltar que nem todas as benzedadeiras são católicas, muitas são de alguma religião de matriz africana, por exemplo, Candomblé ou Umbanda, ou até mesmo não seguem um dogma religioso.

1.1 - O papel da benzedeira como liderança espiritual dentro da comunidade

As benzedadeiras ocupam uma posição de destaque dentro das comunidades em que atuam, sendo frequentemente vistas como figuras de confiança e referência espiritual. Sua função transcende a cura física e se estende ao aconselhamento, acolhimento emocional e fortalecimento da fé dos que as procuram, Elda Rizzo¹⁴ (1985, p.68) as descreve como “uma cientista popular que possui uma maneira muito

¹² LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. MEDICINAS PARALELAS. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1989.

¹³ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

¹⁴ OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. O QUE É BENZEÇÃO. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1985. P.68.

peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.”

Dessa forma, muitas vezes, suas práticas são procuradas por pessoas que não encontram respostas satisfatórias nos serviços médicos tradicionais, seja por limitações estruturais do sistema de saúde ou por uma crença arraigada na eficácia dos rituais populares.

O respeito conquistado pelas benzedadeiras está diretamente relacionado à sua experiência e à crença de que possuem um dom divino, como já relatado por Maria Almerinda. Essa percepção legitima sua atuação e as coloca como mediadoras entre o mundo físico e o espiritual.

Além de realizarem as benzeções, muitas benzedadeiras oferecem suporte emocional e aconselhamento, funcionando como uma espécie de guia espiritual. Corroborando com essa perspectiva, Maria do Rosário conta que:

Converso com as pessoas que tem problemas de ansiedade, que está passando por um momento difícil na vida, precisa de uma palavra, de um apoio, alguém para conversar. Por que essa pessoa, ela não quer conversar com um parente, ela quer uma pessoa que não a conheça, né? Então, ela desabafa, conversa com você e não tem coisa melhor que você conversar com uma pessoa presencial, por que quando você termina, você dá um abraço e um abraço é muita coisa. É uma troca de energia, então as vezes você ta com a energia muito pesada, então você precisa descarregar aquela energia, então em troca desse abraço, eu te abraço e você me abraça, então é uma troca de energia, eu te dou minha energia boa, só que aquela energia ruim que eu peguei, vou ter que descarregar ela quando chegar em casa. (Oliveira, 2025¹⁵)

Dessa forma, seu papel se assemelha, em alguns aspectos, ao de líderes religiosos, pois são procuradas para ajudar em momentos de dificuldades, não apenas relacionadas à saúde, mas também a problemas familiares, financeiros e espirituais. Assim, a benzedeira não apenas cura, mas também orienta, conforta e fortalece os laços sociais dentro de seu meio.

¹⁵ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

CAPÍTULO 2 - DOENÇAS, PLANTAS E REZAS QUE SÃO USADAS

O caminho trilhado pelas benzedeiras e pelos médicos se dão por abordagens distintas. Enquanto as benzedeiras consideram o indivíduo de forma conjunta, integrando corpo e mente, os médicos adotam uma visão separatista, separando o corpo dos aspectos simbólicos e conceituais. As benzedeiras acreditam que para o corpo funcionar de maneira correta, ele precisa estar alinhado com seu espírito, então para realizar a cura, elas precisam saber o que se passa com quem deseja receber a reza, para assim identificar o problema e fazer uma reza que se adeque ao mesmo. Maria do Rosário complementa essa visão.

Tem pessoas que não precisam só de um remédio, precisam de uma palavra de conforto, de um abraço, de uma coisa diferente, de um banho, um banho de descarrego. As vezes aquela pessoa tá com a energia tão pesada encima dela, que ela precisa de um banho, ela não precisa de um remédio e as vezes você vai num médico, doente, e o médico passas remédios, mas ela continua do mesmo jeito, aí chega aqui e eu já dou um jeitinho nisso. (Oliveira, 2025¹⁶)

As benzedeiras são conhecidas por curar algumas doenças como espinhela caída, mau-olhado, ossos desmentidos, vento caído, dores de cabeça, entre outras. Para fazer seus rituais, se utilizam de rezas e algumas plantas, como reforça Maria do Rosário "Cada planta tem sua força, tem sua energia. O alecrim, por exemplo, é bom para afastar tristeza, para trazer alegria. A guiné é boa para limpeza espiritual" (Oliveira, 2025¹⁷).

A benzedeira Maria Almerinda de Oliveira, relata: "No repertório da fé, orações contra mau-olhado, quebranto, dor de cabeça e outros males. Todos combatidos com o auxílio da reza e do ramo' (G1 Alagoas, 2014¹⁸)."

Maria do Rosário complementa

¹⁶ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

¹⁷ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

¹⁸ G1 ALAGOAS. BENZEDEIRAS DE COMUNIDADES NEGRAS DE AL MANTÊM TRADIÇÃO DA CURA PELA FÉ. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://G1.GLOBO.COM/AL/ALAGOAS/NOTICIA/2014/08/BENZEDEIRAS-DE-COMUNIDADES-NEGRAS-DE-AL-MANTEM-TRADICAO-DA-CURA-PELA-FE.HTML](https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzeadeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html). ACESSO EM: 3 JAN. 2025.

esse relato ao destacar: "Faço garrafadas para inflamação, útero, ovário, gastrite. Qualquer tipo de doença eu faço garrafada" (Oliveira, 2025¹⁹).

2.1 - Mau-olhado/Olhado

O "mau-olhado" ou somente "olhado" é uma crença popular presente em várias culturas, inclusive no Brasil, a qual uma pessoa pode causar danos a outra por meio de um olhar carregado de inveja, raiva ou preocupação negativa. A respeito dessa prática, Santos destaca que:

É uma doença que vai debilitando o indivíduo, aos poucos, até levá-lo à morte, se a pessoa não procurar alguém que reze. De acordo com a concepção de saúde e doença das rezadeiras, o olhado só é curado através de rezas. É proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física, inteligência, etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais. (Santos²⁰, 2009, p.22)

Acredita-se que o mau-olhado/olhado pode provocar uma série de problemas, como mal-estar físico, dores de cabeça, falta de energia, insônia, febre e até doenças mais graves, especialmente em crianças e bebês. De acordo com Maués²¹ (1997, p. 34), o mau-olhado "é provocado pelo 'fincamento de olho' por seres humanos que têm 'mau-olho', podendo atingir pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade, bem como plantas e animais."

Na medicina popular, praticada por benzedeiras, o mau-olhado/olhado é tratado com orações específicas e o uso de ervas como arruda e guiné, que são consideradas eficazes para "quebrar" o mal. Essas práticas visam afastar a energia negativa e proteger a pessoa afetada. Tradicionalmente, as benzedeiras realizam o ritual passando as ervas ao redor da pessoa enquanto recitam rezas, e assim neutralizando a influência negativa. Como relata Santos, algumas benzedeiras dizem conseguir saber se o olhado foi colocado por um homem ou por uma mulher:

¹⁹ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

²⁰ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

²¹ MAUÉS, RAYMUNDO HERALDO. "MALINEZA": UM CONCEITO DA CULTURA AMAZÔNICA. IN: BIRMAN, PATRÍCIA ET AL (ORG.). O MAL À BRASILEIRA. RIO DE JANEIRO: EDURJ, 1997.

Existem alguns sinais percebidos pelas rezadeiras durante a reza que indicam se a pessoa estava com olhado e, se foi botado por uma mulher ou se por um homem. Algumas rezadeiras ficavam sabendo que o cliente estava com olhado, porque durante a reza, elas bocejavam ou erravam as orações. Caso o erro ocorresse durante os Pai-nosso, o olhado teria sido botado por uma pessoa do sexo masculino. No contrário, se o erro viesse a acontecer durante as Ave-marias, a doença teria sido botada por uma mulher. (SANTOS²², 2009, p. 22)

2.2 - Ossos desmentidos

"Ossos desmentidos" é uma expressão popular usada em algumas regiões, especialmente no interior, para se referir a dores articulares ou ósseas que não têm uma causa clara ou visível, muitas vezes associadas a deslocamentos, distensões ou a uma sensação de que "algo saiu do lugar". As pessoas acreditam que essa condição pode ocorrer após algum esforço físico intenso, movimentos bruscos ou até mesmo sem motivo aparente.

Essa enfermidade está relacionada a outras condições reconhecidas na medicina popular, como o "nervo triado" e a "rasgadura". O "nervo triado" é descrito como nervos torcidos ou deslocados, enquanto a "rasgadura" se refere a tecidos internos que foram torcidos ou lesionados, causando dor e desconforto. Essas condições são tratadas da mesma forma que a condição dos ossos desmentidos.

As benzedeiras utilizam orações e gestos manuais para "recolocar" o osso no lugar e aliviar a dor do paciente. Por exemplo, em algumas regiões, há uma oração tradicional que acompanha o tratamento, como "O que eu cozo, carne trilhada, nervo rendido, osso torto, tudo isso eu cozo com os poderes de Deus e de São Furtuoso" (SILVA²³, 2015, p.159). Essa prática demonstra a interseção entre a fé religiosa e os conhecimentos populares na promoção da saúde e do bem-estar.

2.3 - Vento caído

²² SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

²³ SILVA, MARIA ELIENE MAGALHÃES DA. MARCADORES DAS AFRICANIDADES NO OFÍCIO DAS REZADEIRAS EM QUILOMBOS DE CAUCAIA/CE: UMA ABORDAGEM PRETAGÓGICA. FORTALEZA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2015.

"Vento caído" é uma doença que acomete principalmente em crianças "a criança adquire esta doença através de um susto. Neste momento, o bucho da criança vira, e só fica curado, depois de rezar três vezes" (SANTOS²⁴, 2009, p.23), Sergiana Vieira dos Santos complementa "É muito comum ser repreendido quando coloca a criança acima da altura da cabeça, que pode resultar em vento caído" (SANTOS²⁵, 2018, p. 47). Para diagnosticar o "vento caído", algumas rezadeiras observam sinais como o desaparecimento de um "vinco" ou "calanguinho" na barriga da criança:

Algumas formas de detectar este mal foram transmitidas pelas rezadeiras: a) vômito seguido de diarreia de cor esverdeada; b) o desaparecimento do calanguinho ou risquinho, localizado no pé da barriga da criança; c) e um pé maior que o outro. (SANTOS²⁶, 2009, p.23)

O tratamento tradicional envolve rezas específicas, onde a rezadeira realiza gestos em cruz sobre a barriga da criança, recitando orações como "Jesus quando andava no mundo tudo que achou levantou. Levante o vento caído de fulano com o vosso divino amor" (SANTOS²⁷, 2009, p.23).

Apesar de não ter comprovação científica, o tratamento do vento caído é parte do saber ancestral e cultural das comunidades populares, e seu valor está na dimensão simbólica, emocional e espiritual do cuidado. Muitas vezes, como já falado, a própria escuta atenta e o acolhimento das benzedadeiras já promovem alívio e conforto a quem sofre.

2.4 - Cobreiro

O cobreiro, conhecido medicamente como herpes zóster, é uma infecção viral causada pela reativação do vírus varicela-zóster, o mesmo responsável pela catapora.

²⁴ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

²⁵ SANTOS, SERGIANA VIEIRA DOS. PARA AS ONDAS DO MAR SAGRADO: UMA ETNOGRAFIA DOS RITUAIS DAS REZADEIRAS E DOS REZADORES DE DELMIRO GOUVEIA, SERTÃO DE ALAGOAS. ALAGOAS: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2018.

²⁶ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

²⁷ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

Após a infecção inicial, geralmente na infância, o vírus permanece dormente nos gânglios nervosos e pode ser reativado anos depois, especialmente em indivíduos com o sistema imunológico enfraquecido ou em idosos.

Na medicina popular brasileira, especialmente em comunidades tradicionais, o cobreiro é frequentemente associado a causas místicas ou espirituais. Algumas crenças atribuem a doença ao contato com animais peçonhentos ou à entrada de "bichos cabeludos" pela casa. As rezadeiras desempenham um papel fundamental no tratamento, utilizando orações específicas e, por vezes, aplicando ervas medicinais sobre as lesões e até mesmo utilizando-se de objetos pontiagudos, como uma faca, como descreve Santos:

Com auxílio da faca, a rezadeira golpeava os galhos da parte de cima da planta, fazendo alusão à cabeça, e no tronco como se estivesse referindo-se ao rabo do cobreiro. A preocupação das rezadeiras é impedir que haja um alastramento da enfermidade pela parte lesada do corpo. Para elas se rabo do cobreiro emendar com a cabeça, o doente morre. (Santos²⁸, 2009, p.27)

Essa interpretação simbólica do “rabo do cobreiro” encontrando a “cabeça” — algo considerado fatal na tradição oral — revela não apenas a lógica interna dos saberes populares, mas também o modo como o corpo e a doença são compreendidos a partir de uma cosmologia própria. Apesar de haver tratamentos médicos eficazes para o herpes zóster, como o uso de antivirais e analgésicos, a medicina popular continua sendo um recurso importante para muitas pessoas, sobretudo em contextos onde o cuidado está profundamente enraizado na fé, na oralidade e na relação com o sagrado.

Como observa Clifford Geertz: “o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu,” (GEERTZ²⁹, 2008). Nesse sentido, as práticas de cura como as das rezadeiras não devem ser vistas como meras superstições, mas como expressões simbólicas densas que estruturam a maneira como determinadas comunidades vivenciam o sofrimento e a cura.

²⁸ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

²⁹ GEERTZ, CLIFFORD. INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS. RIO DE JANEIRO: LTC, 2008.

Assim, a atuação das benzedeiras no tratamento do cobreiro e de tantos outros males, como os já mencionados, mesmo diante da medicina moderna, representa uma forma de resistência cultural e de continuidade de um patrimônio imaterial que ainda encontra eco nas vivências cotidianas de muitas comunidades brasileiras.

CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DAS REZAS, AS DIFERENÇAS REGIONAIS E OS CONFLITOS DE GERAÇÕES

A oração desempenha um papel central nos rituais de cura praticados pelas benzedeadas, sendo considerada uma ferramenta fundamental para afastar o mal que aflige uma pessoa doente. A eficácia da cura está vinculada ao poder da palavra proferida, que é como um meio de expulsar as influências negativas.

Muitas vezes, as palavras usadas durante a oração são difíceis de compreender, seja pelo tom baixo em que são recitadas, seja por serem mais um canal da intenção da benzedead, com seu literal tendo menor relevância. Segundo Karla Calheiros “a reza é um dos principais elementos para a cura dos efêmeros para as benzedeadas, ou seja, é a força da palavra que ao ser pronunciada o mal se distancia naturalmente.” (2017, p. 6³⁰).

As orações utilizadas pelas benzedeadas desempenham um papel crucial em seus rituais de cura, uma prática enraizada na tradição popular brasileira. Essas rezas não refletem apenas a dimensão espiritual e simbólica das curas realizadas, mas também são consideradas ferramentas essenciais para a canalização da energia curativa, fundamentando-se na crença no poder das palavras e da fé.

“O processo de produção e de reprodução do saber da benzeção é o mesmo que mantém vivas e sólidas as formas e questões substantivas” (Oliveira, 1985, p. 45³¹), confirmando a importância de manter a tradição viva.

Existe uma variação conforme a prática e a cultura de cada região, muitas vezes sendo transmitidas entre gerações. Assim, as palavras seguem fórmulas específicas ou mais flexíveis, de acordo com a intuição da benzedead e sua conexão com o divino.

Nesse processo, o significado literal das palavras não é o mais importante, mas sim a intenção e a fé que as acompanham. A benzedead entrevistada, Maria do

³⁰ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

³¹ OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. O QUE É BENZEÇÃO. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1985.

Rosário, quando perguntada sobre a importância da fé para ser curado, foi bastante contundente na sua fala.

É, mas aí, quando é assim espiritualmente, principalmente espiritualmente, você tem que acreditar, você tem que ter fé, né? Principalmente naquele homem lá de cima. Ele tudo pode, é dono do ouro e da prata, mas você precisa ter fé. (Oliveira, 2025³²)

Essa prática está profundamente relacionada com a cultura e a religiosidade popular. O uso das orações remete a uma tradição sincrética, misturando elementos cristãos, como o uso de orações católicas e imagens religiosas, com práticas de cura tradicional de origem indígena ou africana. "No Brasil, [...] as crenças e práticas propostas pela estrutura religiosa formal têm sido progressivamente reinterpretadas pelo povo à luz de experiência cotidiana concreta" (Gaspar³³, 2004, p. 123).

Além disso, a oração serve como um meio de envolver o paciente no processo de cura. Ao participar do ritual, ouvindo ou repetindo as palavras proferidas pela benzedeira, o indivíduo não é apenas um receptor passivo da cura, mas parte ativa do processo, o que reforça sua fé no resultado. A fé, nesse caso, é um componente fundamental, uma vez que o poder curativo das orações é frequentemente associado à confiança mútua entre a benzedeira e o paciente. Como ressalva Claude Lévi-Strauss:

Esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro. na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva (Lévi-Strauss³⁴, 1949, p. 2).

Em suma, as orações utilizadas pelas benzedadeiras são uma manifestação cultural rica e multifacetada, que envolve aspectos espirituais, emocionais e sociais. Elas atuam como mediadoras de cura, e sua importância reside não apenas nas palavras em si, mas no conjunto de crenças e valores que elas evocam e na confiança daqueles que as procuram.

³² OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

³³ GASPAR, ENEIDA D. GUIA DE RELIGIÕES POPULARES DO BRASIL. RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2004.

³⁴ LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. S/D. [1949]. "O FEITICEIRO E SUA MAGIA".

Esse papel de mediação espiritual e cultural desempenhado pelas benzedeiras é apenas uma faceta do vasto universo da medicina popular, que, ao longo da história, tem desempenhado um papel fundamental nas sociedades de todo o mundo.

Suas práticas, enraizadas em saberes ancestrais e tradições culturais, evoluíram como respostas locais e comunitárias a questões de saúde, em um contexto onde o conhecimento formalizado da medicina científica ainda não era amplamente disponível. No entanto, essa forma de conhecimento nem sempre foi vista com legitimidade ou reconhecimento pela sociedade como um todo.

3.1 - A palavra que cura: rezas, orações e o poder simbólico nas práticas das benzedeiras

As rezas e orações das benzedeiras não são apenas fórmulas decorativas ou religiosas — elas carregam um poder performativo, ou seja, realizam aquilo que enunciam. Esse conceito, trabalhado por Lévi-Strauss ³⁵(1975) e John Langshaw Austin ³⁶(1990), é fundamental para compreender como o discurso das rezadeiras vai além da linguagem comum: trata-se de uma fala que faz acontecer.

As rezas e orações são elementos centrais no ofício das benzedeiras, representando não apenas um recurso espiritual, mas um verdadeiro ato performativo de cura e resistência cultural.

Esse caráter performativo pode ser compreendido à luz da teoria de John Langshaw Austin³⁷, que define os "atos de fala" como enunciados que não apenas descrevem o mundo, mas transformam realidades ao serem proferidos. Segundo Austin, há enunciados que não apenas dizem algo, mas fazem algo – os chamados *speech acts*. No caso das benzedeiras, a oração é um desses atos: ela cura, protege, purifica, expulsa o mal.

Claude Lévi-Strauss (1975), por sua vez, analisou rituais de cura entre povos indígenas americanos e destacou o efeito simbólico das palavras no corpo do doente.

³⁵ LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. O FEITICEIRO E SUA MAGIA. IN: ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL. 5. ED. RIO DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, 1996.

³⁶ AUSTIN, JOHN LANGSHAW. QUANDO DIZER É FAZER. TRAD. DANILO MARCONDES. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1990.

Ao narrar o sofrimento com uma linguagem carregada de mitos e símbolos, o xamã (assim como a benzedeira) reestrutura a experiência do sofrimento. No caso das benzedeadas, a oração “puxa” o mal, “seca” a doença, “desmancha” a inveja — a fala atua no corpo por meio do símbolo. Como destaca Austin “A palavra, nesse contexto, não é instrumento de comunicação, mas de ação” (Austin³⁸, 1990, s.n).

Lévi-Strauss³⁹ contribui para a compreensão deste fenômeno ao destacar, em seu estudo “O Feiticeiro e sua Magia”, que a eficácia simbólica da palavra se dá não apenas no plano racional, mas sobretudo na crença coletiva e na confiança que se deposita no rito. A reza, portanto, não é um simples texto repetido: é carregada de intenção, fé e memória ancestral.

Essas teorias encontram eco nas práticas descritas pelas benzedeadas alagoanas. A reza não é vista como algo passivo, mas como um instrumento ativo de cura. De acordo com os relatos reunidos por Maria Clemilda da Silva, há um entendimento compartilhado entre as benzedeadas de que a cura se dá pela fé que acompanha a palavra.

A autora observa que a eficácia da reza está atrelada à crença tanto de quem reza quanto de quem recebe a benzeção, e que é nesse elo que reside o verdadeiro poder curativo (SILVA⁴⁰, 2022).

O ambiente onde a reza acontece também contribui para a eficácia simbólica da cura. Elementos como a imagem de um santo, o uso de uma vela acesa, ramos de plantas ou um copo com água não são acessórios banais, mas constituem um repertório simbólico que reforça a presença do sagrado. Para Karla Calheiros, esses elementos são portadores de significados, funcionando como extensões materiais da fé, capazes de criar uma ambiência ritual que sustenta o ato de benzer (CALHEIROS, 2017).

³⁸ AUSTIN, JOHN LANGSHAW. QUANDO DIZER É FAZER. TRAD. DANILO MARCONDES. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1990.

³⁹ LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. O FEITICEIRO E SUA MAGIA. IN: ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL. 5. ED. RIO DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, 1996.

⁴⁰ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. . RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

Há notadamente forte adoração aos(às) santos(as) do catolicismo popular. Através da fé e do intermédio do sagrado é que as mazelas humanas são curadas, segundo a crença popular, podendo, assim, então, alcançarmos o equilíbrio do corpo e da alma através da reza. (Calheiros⁴¹, 2017, p. 6)

Essa multiplicidade simbólica reforça o lugar das benzedeiras como guardiãs de um saber ancestral e como figuras centrais nas comunidades em que atuam. Conforme observa Mariluz Heberlê, as benzedeiras têm um papel social que vai além do ato de curar: elas escutam, acolhem, aconselham e oferecem uma forma de cuidado integral. Isso faz com que, em muitas situações, elas sejam procuradas antes mesmo do serviço médico convencional, por estarem mais próximas das realidades vividas pelas pessoas (HERBELÊ⁴², 2013).

O autor Francimário Santos destaca que essas práticas são sustentadas pela oralidade, pela memória e pelo afeto, e que, mesmo diante da modernização das relações sociais, elas continuam a exercer um papel vital nas comunidades populares e que suas rezas não são como receitas que podem ser somente decoradas e terão efeito eficaz, vão além disso como o mesmo destaca:

[...] Fica difícil sistematizar o saber das rezas numa “receita”, e simplesmente repassar o “como fazer” às outras pessoas. Há como premissa uma série de elementos, podendo-se destacar alguns como a religiosidade, o senso de solidariedade, o saber ouvir os outros e dar um direcionamento às pessoas para lidarem com os infortúnios da vida cotidiana. (Santos⁴³, 2009, p.31)

Portanto, essas benzedeiras não apenas sobrevivem ao tempo, mas resistem. São práticas que enfrentam perseguições, marginalizações e tentativas de deslegitimação. Mas, resistem e permanecem também por ter esse acolhimento afetuoso e empático.

É possível perceber que o ato de rezar é, nesse contexto, também é um ato político. Em um país marcado por profundas desigualdades sociais e pela negação

⁴¹ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

⁴² HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

⁴³ SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO DOS. O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR. SÃO PAULO: REVISTA CPC, 2009.

histórica de saberes não hegemônicos, as benzedeiras afirmam o valor do cuidado comunitário, da escuta sensível e do poder da fé como força transformadora.

Essa ação política se manifesta não apenas na permanência dessas práticas, mas na forma como elas se adaptam, se reinventam e continuam a dar sentido à vida de tantas pessoas.

Ao analisarmos a função das benzedeiras sob uma nova perspectiva, é necessário compreender a reza não apenas como instrumento espiritual, mas como um ato de reconstrução identitária para sujeitos historicamente marginalizados.

A fala da benzedeira, revestida de autoridade sagrada e comunitária, atua como uma forma de afirmação da existência – especialmente em territórios marcados pela pobreza, pela desigualdade social e pelo racismo estrutural. Como afirma Karla Calheiros (2017), as rezadeiras são reconhecidas como “mulheres que cuidam e protegem” dentro de suas comunidades, detendo um conhecimento que “nasce do cotidiano, da vivência e da escuta” (Calheiros⁴⁴, 2017).

Esse cuidado que parte do cotidiano e da escuta se conecta diretamente com o pensamento do filósofo francês Michel Foucault,⁴⁵ especialmente, quando ele trata das “tecnologias do cuidado de si”.

Embora Foucault discorra sobre práticas greco-romanas de autoconhecimento, seu conceito pode ser transposto para entender como o ofício das benzedeiras produz formas de subjetividade não mediadas pelas instituições tradicionais de poder.

As rezas e benzeções criam um espaço onde a cura não se dá apenas no plano físico, mas se realiza como prática de liberdade, de autonomia e de reinvenção simbólica da vida.

⁴⁴ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017

⁴⁵ FOUCAULT, MICHEL. TECNOLOGIAS DO EU E OUTROS TEXTOS. ORG. LUTHER H. MARTIN ET AL. TRAD. DE ANA M. F. AMARAL ET AL. SÃO PAULO: EDIÇÕES LOYOLA, S.D.

Outro ponto importante pouco explorado até aqui é o ritual como performance corporal. A benzedeira não apenas fala – ela realiza gestos, manipula elementos da natureza como folhas, galhos, fumaça, cruzeiros, água, sal. Como destaca Karla Calheiros:

O benzimento costuma iniciar-se com o ato da benzedeira fazendo o sinal da cruz compassadamente, e, em seguida, realizando as orações junto ao doente (seja criança, adulto ou animal) e, eventualmente, isto é feito com um ramo de planta ou ervas em punho, tais são exemplos: Vassourinha de botão, Pinhão Roxo, Algaroba, Pinhão Brabo, Carrapateira, etc. (CALHEIROS⁴⁶, 2017, p. 7)

Os movimentos corporais fazem parte do ritual: o traçar da cruz, o toque com o ramo de arruda, a imposição das mãos. Trata-se de uma comunicação não-verbal profundamente carregada de sentidos. Isso nos permite relacionar com a noção de performance de Victor Turner⁴⁷, para quem os rituais são experiências liminares – ou seja, momentos em que a pessoa sai de uma condição para outra, e isso implica não apenas uma transformação espiritual, mas também social e emocional. Karla Calheiros complementa dando mais detalhes desse ritual:

Durante o benzimento, vários gestos são realizados em frente ao enfermo. A maioria das benzedeadas faz o sinal da cruz com o ramo empunhado, tocando, com ele, a pessoa que está sendo curada. Após a finalização da oração, é observado se o ramo veio a murchar, uma vez que isto é sinal de que havia a presença do chamado "mau-olhado". Leciona ainda dona Odete, em entrevista, que caso o ramalhete venha a murchar, ao final da oração, quando tocar o lado direito do enfermo, significa que o "mau-olhado" adveio de pessoa do sexo feminino; para o caso de murchar no lado esquerdo, adveio de pessoa do sexo masculino. (CALHEIROS⁴⁸, 2017, p. 8)

Além disso, quando observamos os relatos presentes na pesquisa de Maria Clemilda da Silva⁴⁹ (2022), fica evidente que muitas benzedeadas aprenderam suas

⁴⁶ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

⁴⁷ TURNER, VICTOR. O PROCESSO RITUAL: ESTRUTURA E ANTIESTRUTURA. PETRÓPOLIS: VOZES, 1974.

⁴⁸ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

⁴⁹ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE! AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

práticas ainda na infância, com mães, tias, avós. Isso mostra como o saber benzer se entrelaça com a memória afetiva e familiar, sendo transmitido por meio de gerações.

A prática de benzer, nesse sentido, não apenas resgata o passado, mas projeta um futuro onde o conhecimento tradicional continua vivo, mesmo diante da modernização das práticas de saúde.

Essa valorização da tradição oral e das vivências comunitárias nos aproxima do pensamento de Paul Ricoeur⁵⁰, filósofo que se dedicou a entender como a memória, a narrativa e o testemunho constroem sentidos para o sujeito.

Ao aplicar essa leitura ao contexto das benzedadeiras, podemos afirmar que sua fala é também uma forma de narrar o mundo – de modo simbólico, espiritual e social. A reza, então, torna-se um testemunho encarnado, um discurso que legitima a existência de outras formas de cura, de fé e de relação com o corpo e o outro.

3.2 - A diversidade regional das práticas de benzeção

As práticas de benzeção, embora presentes em diversas partes do Brasil, assumem características distintas conforme o contexto cultural, histórico e social de cada região. O ofício da benzedeira, marcado por uma oralidade ancestral e por um saber que atravessa gerações, revela nuances importantes quando observamos sua manifestação em diferentes territórios — do Nordeste ao Sul do país.

No Nordeste, como mostram os relatos de benzedadeiras em Vicência/PE analisados por Maria Clemilda da Silva, as práticas se entrelaçam fortemente com o catolicismo popular, o uso de ervas locais e uma devoção marcada por santos. A autora destaca que a oralidade é essencial na transmissão dos saberes e que a prática está profundamente ligada às condições sociais das comunidades (SILVA⁵¹, 2022).

Já no Sul do Brasil, como evidencia o estudo de Mariluz Heberlê sobre benzedadeiras no Rio Grande do Sul, nota-se uma estrutura um pouco diferente. Embora

⁵⁰ RICOEUR, PAUL. A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O ESQUECIMENTO. TRADUÇÃO: ALAIN FRANÇOIS, LUÍS MARCOS SILVA. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP, 2007.

⁵¹ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. . RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

também se observe uma forte presença do catolicismo, há uma incorporação significativa de elementos de matriz indígena e uma relação mais institucionalizada com a comunidade. Algumas benzedeiras inclusive são reconhecidas como figuras de liderança espiritual, participando ativamente de eventos e cerimônias religiosas locais (HEBERLÊ⁵², 2013).

Ao comparar essas regiões, percebe-se que enquanto no Nordeste a prática está mais associada ao cotidiano doméstico e à atuação quase invisível das mulheres em suas comunidades, no Sul há uma maior visibilidade e um certo reconhecimento social do ofício. Entretanto, ambas as regiões compartilham o uso de orações específicas, rituais de imposição de mãos, ervas medicinais, e a centralidade da fé como instrumento de cura.

A atuação das benzedeiras no nordeste brasileiro, especialmente em áreas urbanas periféricas, apresenta uma configuração singular: nesse contexto, elas transitam entre o espaço doméstico, o religioso e o institucional. Segundo os relatos analisados por Franciel dos Santos Rodrigues, em seu TCC sobre a religiosidade popular e a ancestralidade, muitas benzedeiras na região de Junco do Seridó, na Paraíba acabam atuando em zonas de tensão entre a tradição oral e os discursos biomédicos da saúde pública. Elas compartilham saberes que não foram sistematizados por instituições formais, mas que têm reconhecimento social pela eficácia percebida no cuidado (RODRIGUES⁵³, 2019)

Pensar comparativamente essas práticas permite reconhecer uma unidade na diversidade: ainda que cada região tenha seus santos, suas folhas e seus modos de rezar, há um substrato comum de resistência, fé e cuidado que une essas mulheres como guardiãs da memória e da saúde popular no Brasil.

Ainda nesse cenário, destaca-se a sobrevivência da oralidade como um dos principais vetores de preservação dos saberes. Como lembra Karla Calheiros, a

⁵² HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

⁵³ RODRIGUES, FRANCIEL DOS SANTOS. ENTRE O DITO E O ESCRITO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS REZADEIRAS E DA COMUNIDADE DE JUNCO DO SERIDÓ – PB. CAMPINA GRANDE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2019.

memória das rezadeiras é “guardada no corpo e na fala”, o que torna a reza um gesto que vai além da espiritualidade e se torna um ato de resistência epistêmica, que recusa o silenciamento das tradições populares (CALHEIROS⁵⁴, 2017). Isso se mostra especialmente importante em centros urbanos, onde o processo de “higienização cultural” tende a marginalizar esses saberes por não se encaixarem nos moldes da medicina oficial.

Um aspecto novo que emerge nessa comparação é o da formação de redes comunitárias de cuidado. Em muitas comunidades, as benzedadeiras exercem papel fundamental na mediação entre o conhecimento tradicional e os serviços públicos de saúde — sendo, por vezes, as primeiras ou únicas referências de cuidado em regiões de difícil acesso. Isso é relevante para pensar, como sugere Michel Foucault, as formas de “governamentalidade”, ou seja, de como o poder se exerce não só a partir das instituições, mas através das práticas cotidianas que organizam a vida (FOUCAULT⁵⁵, [s.d]).

Por fim, é necessário destacar que, em ambas as regiões, a atuação das benzedadeiras contribui para a formação de identidades locais. Elas não apenas curam, mas narram e sustentam histórias de resistência, fé e pertença. Como aponta Paul Ricoeur, a memória coletiva é construída a partir de práticas simbólicas que ligam o passado ao presente — e nesse caso, a reza torna-se um elo vital na reconstrução de uma história frequentemente apagada (RICOEUR⁵⁶, 2007).

⁵⁴ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

⁵⁵ BARROS, IGOR CORRÊA DE. A EMERGÊNCIA DA POPULAÇÃO COMO PROBLEMA POLÍTICO: O CONCEITO DE GOVERNAMENTALIDADE EM MICHEL FOUCAULT. S.L.: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI, S.D.

⁵⁶ RICOEUR, PAUL. A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O ESQUECIMENTO. TRADUÇÃO: ALAIN FRANÇOIS, LUÍS MARCOS SILVA. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP, 2007.

CAPÍTULO 4 - HISTORICAMENTE, COMO A MEDICINA POPULAR É VISTA PELA SOCIEDADE

A medicina popular tem suas raízes profundamente entrelaçadas com a vida cotidiana de povos indígenas, afrodescendentes e camponeses, além de outras comunidades que, por muito tempo, serviram à margem da medicina acadêmica.

Historicamente, suas práticas foram transmitidas oralmente através de gerações, sendo preservadas principalmente por mulheres, curandeiros, xamãs e líderes espirituais. Essas práticas, como já citado, envolvem o uso de ervas, orações e rituais, foram vistas tanto como meios eficazes de tratamento quanto como elementos ligados à religiosidade e ao misticismo.

4.1 - Medicina popular na Idade Média e Moderna

Durante a Idade Média, coexistiam práticas distintas de cuidado com a saúde: de um lado, a medicina letrada, acessível apenas aos religiosos e nobres; de outro, a medicina popular, praticada principalmente por mulheres.

Essa última era fortemente associada a curas com ervas, rituais simbólicos e experiências empíricas, transmitidas oralmente. Muitas dessas mulheres foram perseguidas pela Inquisição, acusadas de bruxaria — o que revela uma disputa de poder sobre os saberes do corpo e da cura.

A perseguição histórica às mulheres que detinham conhecimentos sobre cura, plantas e rituais, como dito acima remonta à Inquisição, quando muitas dessas figuras foram tachadas de bruxas e condenadas à fogueira.

O chamado “Tribunal do Santo Ofício” ou “Santa Inquisição” foi criado em 1184, durante o Concílio de Verona pelo papa Lúcio III, que segundo Medeiros (2011) foi criado para conter a ameaça daqueles que ousavam desobedecer e discordar da Igreja Católica e se fortaleceu com a criação de vários tribunais e inquisidores por toda a Europa. Segundo ela, os inquisidores eram pessoas bem recompensadas e quase 80% de suas vítimas eram mulheres consideradas bruxas, que eram torturadas e queimadas vivas em fogueiras. (SILVA⁵⁷, 2022, p. 17)

Essa violência institucionalizada serviu para consolidar o monopólio da Igreja e, mais tarde, da medicina oficial sobre os corpos e os saberes populares. Como

⁵⁷ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

revela o estudo presente no TCC de Maria Clemilda da Silva⁵⁸ (2022), houve um verdadeiro "processo de dizimação sofrida pelas mulheres que realizavam a cura na antiguidade", sendo elas julgadas e condenadas por não se enquadrarem nas normas e dogmas da Igreja Católica.

Além disso, mesmo após séculos do fim formal da Inquisição, a marginalização dessas práticas não desapareceu. As benzedeadas — especialmente as que atuam em contextos urbanos — ainda hoje enfrentam preconceitos e agressões, inclusive por parte de grupos religiosos que as classificam como "malfeitoras" ou "macumbeiras". Essa continuidade da exclusão mostra como o saber tradicional ainda é percebido como uma ameaça à ordem dominante, tanto religiosa quanto médica.

A Inquisição, especialmente na Península Ibérica, perseguiu práticas que envolviam rezas, ervas e rituais — ainda que esses fossem associados ao cuidado com a saúde e não necessariamente à heresia.

A lógica era simples: qualquer prática que fugisse da ortodoxia católica era vista como ameaça ao controle social. Como pontua Jamil Avelino⁵⁹ (2010), “as bruxas foram apontadas como os intermediários do diabo, e por isso, punidas com tortura e morte”.

Essas perseguições, mais do que motivadas por dogmas religiosos, estavam ligadas à tentativa de suprimir práticas comunitárias e saberes autônomos, em favor da consolidação da medicina acadêmica e da autoridade eclesiástica sobre os corpos.

A marginalização das práticas de cura popular não se limita a contextos históricos distantes. Ainda hoje, benzedeadas e rezadeiras enfrentam forte estigmatização por parte de segmentos religiosos — em especial, do movimento neopentecostal.

⁵⁸ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

⁵⁹ AVELINO, JAMIL D. OS MEDOS NA IDADE MÉDIA (SÉCULOS X – XIII). DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM HISTÓRIA). GOIÁS: FAN/ISE, 2010.

Como relatado por Maria Clemilda da Silva⁶⁰ (2022), muitas dessas práticas passaram a ser consideradas malignas por grupos evangélicos, sendo associadas à feitiçaria e ao demônio.

Essa concepção contribuiu para o abandono do ofício por parte de algumas mulheres, que migraram para essas denominações religiosas, enquanto outras passaram a exercer suas atividades de forma discreta ou mesmo clandestina, especialmente nos centros urbanos.

O preconceito, contudo, não parte apenas das religiões hegemônicas, mas também de instituições públicas. Dulce Mendes⁶¹ aponta que, mesmo onde houve reconhecimento formal do ofício de benzedeiras — como no Paraná, com o Movimento Aprendizes da Sabedoria⁶² (MASA) —, persistem episódios de desrespeito, criminalização simbólica e repressão institucional.

Isso inclui perseguições por parte de órgãos de saúde e igrejas, bem como tentativas de impedir o acesso às plantas medicinais ou à continuidade dos rituais ancestrais.

Além do preconceito religioso e institucional, há o impacto direto das mudanças ambientais e sociais: a destruição dos territórios onde as ervas são colhidas, o uso de agrotóxicos e o desinteresse dos mais jovens pelas práticas tradicionais ameaçam a continuidade desse saber.

Apesar da sua organização, as benzedeiras e benzedeiros continuam a enfrentar ações diretas e indiretas de repressão de pessoas ligadas às igrejas; ou dos órgãos de saúde; preconceito, crítica e desvalorização; ameaças; perseguição; falta de fé, abuso das práticas tradicionais de cura; proibição de acesso as plantas medicinais; contaminação das plantas medicinais por venenos; falta de conhecimento das plantas medicinais pelos mais jovens, extinção ou falta de plantas medicinais nativas (pelo desmatamento); falta de interesse dos jovens. (MENDES⁶³, 2017, p. 87)

⁶⁰ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. . RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

⁶¹ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁶² MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA (MASA) É UMA ORGANIZAÇÃO FORMADA POR REZADORES, BENZEDEIRAS, RAIZEIRAS, PARTEIRAS E CURADORES POPULARES DO ESTADO DO PARANÁ. SURTIU COM O OBJETIVO DE VALORIZAR, PRESERVAR E PROTEGER OS SABERES TRADICIONAIS E POPULARES DE CURA.

⁶³ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES

Mesmo diante dessas adversidades, o movimento das benzedeiras continua ativo, sustentado por uma convicção profunda: o cuidado com a vida como missão espiritual e social.

Esse comprometimento é registrado na Carta do MASA de 2015, citada por Dulce Mendes⁶⁴ (2017), onde benzedeiras afirmam que, mesmo diante da repressão e das ameaças, continuarão praticando seus saberes tradicionais, pois “cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós”.

4.2 - Medicina popular no Brasil Colonial

No contexto brasileiro, a medicina popular surgiu como fruto da interseção entre três matrizes culturais: a indígena, a africana e a europeia. Como destaca Claudia Santos da Silva:

A existência das rezadeiras ou benzedeiras é muito antiga no Brasil e se origina da cultura indígena e principalmente, da cultura africana, desde o período da colonização, pois esses conheciam as ervas e suas funções. Povos diferentes que contribuíram em diversos aspectos na cultura brasileira, em especial para a cultura popular. (SILVA⁶⁵, 2009, p. 10)

Os saberes tradicionais dos povos originários e das comunidades africanas escravizadas foram centrais na organização de práticas de cuidado que resistiram, mesmo diante do avanço do modelo biomédico europeu.

Essas práticas se sustentaram por meio da oralidade e da experiência cotidiana. Como afirma Antônio Faundez⁶⁶ (1989), citado em um dos estudos sobre saberes tradicionais, “um povo iletrado não é um povo ignorante. O conhecimento que acumulou por meio da produção da sua vida social se transmite fundamentalmente através da oralidade e da ação” .

A valorização desses saberes, no entanto, foi constantemente suprimida pelas instituições coloniais, que, ao longo do século XIX, buscaram impor padrões de

QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁶⁴ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁶⁵ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

⁶⁶ FAUNDEZ, ANTÔNIO. ORALIDADE E ESCRITA. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1989.

higienização, medicina científica e práticas mais alinhadas com o projeto de civilização e progresso.

Sabrina D’Almeida (2018) destaca que a medicina popular passou a ser vista como retrocesso, associada à magia, ao ocultismo e ao atraso social, sendo “deslegitimada e combatida” pelo discurso médico oficial.

A fim de desestruturar estas práticas e saberes criou-se para elas uma imagem que as associava ao retrocesso, ocultismo, magia, segredo, mistério, sobrenatural, contribuindo para a disseminação de uma ideia de que seriam uma ameaça ao sonho de progresso e um obstáculo rumo a civilização. (D’ALMEIDA⁶⁷, 2018, p.36).

Ainda assim, essas práticas não desapareceram. Permaneceram, sobretudo, nos espaços rurais e periféricos, transmitidas pelas mulheres curandeiras, parteiras e benzedeiras.

Como reforça o texto “Saberes e práticas de rezadeiras e benzedeiras⁶⁸”, essas mulheres resistem “ao apagamento histórico dos saberes não oficiais”, preservando, por meio das ervas, rezas e gestos, uma forma de medicina que é também expressão cultural e resistência identitária.

4.3 - Institucionalização da medicina no Brasil e a exclusão dos saberes populares

Com a criação das primeiras escolas de medicina no Brasil, como a Faculdade de Medicina da Bahia (1808) e a do Rio de Janeiro (1808), o modelo biomédico europeu passou a se consolidar como o saber legítimo sobre a saúde.

A medicina passou a ser exercida por homens brancos, com formação acadêmica, dentro de instituições que desconsideravam os saberes das comunidades locais, especialmente aqueles oriundos das práticas indígenas, africanas e populares.

Esse processo foi acompanhado pela ascensão de políticas higienistas e de controle social, especialmente no final do século XIX e início do XX. A medicina

⁶⁷ D’ALMEIDA, SABRINA SOARES. GUARDIÃ DAS FOLHAS: MOBILIZAÇÃO IDENTITÁRIA DE RAIZEIRAS DO CERRADO E A AUTORREGULAÇÃO DO OFÍCIO. 2018. 330 F. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO.

⁶⁸ BORGES, MIGUEL ANGELO VELANES. SABERES E PRÁTICAS DE REZADEIRAS E BENZEDEIRAS EM COMUNIDADES DE CAMAÇARI: DIÁLOGOS ENTRE SABERES POPULARES E EDUCAÇÃO FORMAL. BAHIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2017.

popular, até então amplamente praticada, passou a ser vista como “atrasada”, “irracional” ou até perigosa.

Como destaca o texto “Saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras⁶⁹”, houve uma presença cada vez maior do Estado nas políticas de saúde, que buscavam “normatizar e moldar hábitos e comportamentos da população de um modo geral em relação aos cuidados com a saúde” .

Apesar da tentativa de silenciamento institucional, a prática das benzedadeiras não desapareceu. Pelo contrário, como aponta o mesmo documento, elas continuaram sendo procuradas pelas populações, principalmente pelas camadas populares e periféricas. Porém, vale pontuar que:

Embora nos dias atuais não haja Inquisição e nem fogueiras, as rezadeiras, principalmente as que moram nas cidades, sentem-se acuadas, sendo muitas vezes agredidas por praticantes de outras religiões, verbal e fisicamente, vistas como malfeitoras e disseminadoras do mal, macumbeiras e outros adjetivos ofensivos. (SILVA⁷⁰, 2022, p. 30)

Corroborando essa perspectiva, a entrevistada Maria do Rosário Oliveira (2025) relata que:

Eu não ligo muito pro preconceito, aqui no início (se referindo ao local que trabalha), o pessoal sempre dizia “ah macumbeira”, então eu nunca liguei para esse tipo de ideia de ninguém, isso aí são pessoas que não sabem o que significa um espiritual, uma espiritualidade. Não sofro com isso não! (OLIVEIRA⁷¹, 2025)

Apesar de Maria do Rosário Oliveira (2025) relatar que não liga para o preconceito, ele continua existindo, mas ao ignorá-lo ela encontrou um meio de seguir com sua fé e seus rituais de benzimento.

Essas mulheres, como Maria do Rosário, mantiveram um status de respeito e confiança em suas comunidades, pois suas práticas eram legitimadas não pela ciência oficial, mas pela experiência, pela fé e pela tradição oral. Ainda segundo o documento

⁶⁹ BORGES, MIGUEL ANGELO VELANES. SABERES E PRÁTICAS DE REZADEIRAS E BENZEDEIRAS EM COMUNIDADES DE CAMAÇARI: DIÁLOGOS ENTRE SABERES POPULARES E EDUCAÇÃO FORMAL. BAHIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2017.

⁷⁰ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

⁷¹ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

“Saberes e práticas de rezadeiras e benzedeiras⁷²”: “essas curandeiras populares gozavam, e ainda gozam, de um status social difícil de ser desfeito apenas com decretos e leis oficiais” .

Essa resistência das práticas populares é perceptível mesmo em contextos urbanos. O texto relata que, em Rebouças (PR), um mapeamento feito em 2009 identificou 133 benzedeiras na cidade. O levantamento foi tão impactante que gerou um projeto de lei para regulamentar a prática das curandeiras no município — sendo Rebouças o primeiro do Brasil a oficializar a atividade de benzedeiras, curadores e parteiras tradicionais.

4.4 - A revalorização recente das práticas populares e a incorporação no SUS

A partir da década de 1980, com a redemocratização do Brasil e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) pela Lei nº 8.080 de 1990, algumas práticas da medicina popular começaram a ser discutidas como possibilidades terapêuticas válidas dentro das políticas públicas de saúde.

Em 2006, foi criada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que reconhece o uso da fitoterapia, homeopatia, acupuntura e outras terapias tradicionais como formas de cuidado a serem ofertadas no SUS.

Como destaca Mariluz Heberlê⁷³ (2013), a PNPIC representa um marco importante ao considerar o indivíduo em sua totalidade e permitir que práticas antes restritas ao modelo privado sejam agora reconhecidas na atenção pública à saúde. Ainda segundo a autora:

A PNPIC atua nos campos de prevenção e promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em um modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, contribuindo assim para o fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS. A PNPIC corrobora para a integralidade da atenção à saúde, ao considerar o indivíduo na sua dimensão global, mas possuidor de uma singularidade, para explicar os processos de adoecimento e de saúde. (HEBERLÊ, 2013, p, 29)

⁷² BORGES, MIGUEL ANGELO VELANES. SABERES E PRÁTICAS DE REZADEIRAS E BENZEDEIRAS EM COMUNIDADES DE CAMAÇARI: DIÁLOGOS ENTRE SABERES POPULARES E EDUCAÇÃO FORMAL. BAHIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, 2017.

⁷³ HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

Apesar disso, essa institucionalização ainda ocorre de forma desigual, enfrentando resistências dentro do próprio sistema de saúde e limitações quanto à sua implementação. Muitas vezes, as práticas populares continuam sendo invisibilizadas em espaços urbanos ou desprezadas por profissionais da medicina convencional.

4.5 - A desqualificação da medicina popular no discurso médico e estatal

Com a ascensão da medicina científica no Brasil a partir do século XIX e, sobretudo, com a modernização da saúde pública durante o século XX, houve uma campanha sistemática de desqualificação das práticas populares de cura. Essa desvalorização não ocorreu de maneira neutra: foi uma escolha política e simbólica que associou a medicina popular ao atraso, ao irracional e ao ocultismo.

Segundo Sabrina D’Almeida (2018), essa marginalização foi resultado direto da tentativa de associar o saber popular ao “mistério”, ao “sobrenatural” e ao “obscurantismo”, produzindo a imagem de que essas práticas seriam obstáculos à civilização moderna e ao progresso social.

A fim de desestruturar estas práticas e saberes criou-se para elas uma imagem que as associava ao retrocesso, ocultismo, magia, segredo, mistério, sobrenatural, contribuindo para a disseminação de uma ideia de que seriam uma ameaça ao sonho de progresso e um obstáculo rumo a civilização. (D’ALMEIDA⁷⁴, 2018, p.36).

Assim, enquanto os médicos passaram a ser vistos como os agentes legítimos da cura, as rezadeiras foram associadas à informalidade, à superstição e à ignorância.

(...) O sucesso no combate as doenças contagiosas foram centrais para que a medicina científica conseguisse se sobressair diante da vasta concorrência comprovando a eficácia e superioridade que seus profissionais tanto lhe atribuíam e disseminavam. (D’Almeida⁷⁵, 2018, p.46),

Esse movimento também teve o respaldo das campanhas públicas de saúde, Mendes citado no texto de Maria Clemilda da Silva ⁷⁶(2022), destaca que, a partir dos anos 1930, houve uma intensificação do projeto nacional de higienização da

⁷⁴ D’ALMEIDA, SABRINA SOARES. GUARDIÃ DAS FOLHAS: MOBILIZAÇÃO IDENTITÁRIA DE RAIZEIRAS DO CERRADO E A AUTORREGULAÇÃO DO OFÍCIO. 2018. 330 F. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO.

⁷⁵ D’ALMEIDA, SABRINA SOARES. GUARDIÃ DAS FOLHAS: MOBILIZAÇÃO IDENTITÁRIA DE RAIZEIRAS DO CERRADO E A AUTORREGULAÇÃO DO OFÍCIO. 2018. 330 F. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO.

⁷⁶ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

população, que associava o saber científico à civilização e a medicina popular à desordem e ao charlatanismo. Dessa forma, o poder institucional atuou para apagar socialmente a autoridade dos saberes tradicionais e seus praticantes.

4.6 - O papel da memória na resistência dos saberes populares

Apesar da tentativa de apagamento institucional, a medicina popular sobrevive e se mantém viva através da oralidade, da escuta e da memória coletiva. Como explica Jacques Le Goff⁷⁷(2005), citado no estudo Rezadeiras Guardiãs da Memória⁷⁸, a memória é um componente essencial da identidade dos povos e exerce um papel vital na preservação da cultura popular. Nesse sentido, as práticas das benzedadeiras são tanto uma forma de cuidado quanto um exercício de resistência cultural.

A transmissão dos saberes de cura está diretamente ligada à valorização das experiências vividas, como destaca Marilena Chauí⁷⁹ (1986) ao afirmar que a cultura popular se sustenta sobre uma lógica própria que envolve o jogo entre conformismo, resistência e prática cotidiana.

A reza, o uso das plantas e os rituais de cura não apenas curam o corpo, mas também mantêm viva a memória de um modo de vida que insiste em permanecer, mesmo em contextos de modernização forçada.

4.7 - Entre a exclusão e o reconhecimento: tensões nas políticas públicas de saúde

A criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), em 2006, já citada nesse trabalho, representou um passo importante para o reconhecimento institucional das medicinas tradicionais. Porém, como observa Mariluz Heberlê⁸⁰(2013), mesmo com avanços normativos, ainda persiste um abismo entre o discurso e a prática, pois muitas iniciativas são limitadas a experiências pontuais e locais.

⁷⁷ LE GOFF, JACQUES. HISTÓRIA E MEMÓRIA. CAMPINAS: UNICAMP, 2005.

⁷⁸ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

⁷⁹ CHAUI, MARILENA. CONFORMISMO E RESISTÊNCIA. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1986.

⁸⁰ HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

A pesquisa de Dulce Mendes⁸¹ (2017) mostra como em algumas regiões do país, como no Paraná, surgiram iniciativas organizadas por movimentos como o MASA, que lutam pela valorização e inclusão das benzedeiras no sistema público de saúde.

O MASA possui um caráter político, e busca o reconhecimento das práticas tradicionais – benzimentos, simpatias, orações, defumações, uso de remédios, tinturas, pomadas, garrafadas, etc – busca a valorização social destes saberes e a conquista de políticas públicas e leis municipais. Tem como foco portanto, fortalecer a saúde popular, com base nos conhecimentos passados de geração a geração, a partir da fé nesses ofícios que foram historicamente descriminalizados e marginalizados pelos setores conservadores da sociedade. (KOSMASKI, 2017, p. 4)

No entanto, esse processo nem sempre resulta em empoderamento real. Em muitos casos, essas mulheres são cooptadas como auxiliares de campanhas de saúde pública, perdendo o reconhecimento de sua autonomia como agentes de cura.

Além disso, como lembra Mariseti Horochovski (2015), citado pela mesma autora, o saber médico institucional ainda impõe condições como a “comprovação científica” para validar os conhecimentos tradicionais, ignorando que o valor da prática da benzeção reside justamente na sua conexão simbólica, espiritual e comunitária com os que dela se beneficiam.

O saber médico geralmente tem reservas, quando não, contraindicações, quanto à essa prática; desqualifica seu ritual de cura e acredita que ela pode inibir a busca por tratamento médico, especializado. Possíveis (e raras) tentativas de aproximação com a medicina popular exigem primeiramente a comprovação científica. (HOROCHOVSKI⁸², 2015, p.110)

4.8 - Território, espiritualidade e memória coletiva nas práticas de cura

As práticas de cura desenvolvidas pelas benzedeiras são inseparáveis de seus territórios de atuação, tanto do ponto de vista físico quanto simbólico. A relação com o espaço — seja ele o quintal onde se cultivam ervas, a casa onde se recebe a comunidade ou o campo onde se colhem os elementos naturais — reforça o vínculo entre o saber popular e os modos de vida tradicionais.

⁸¹ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁸² HOROCHOVSKI, MARISETI H. BENZEDURAS, GARRAFADAS E COSTURAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DA BENZEÇÃO. IN: GUAJU, MATINHOS, V. 1, N. 2, 2015.

Como destaca Claudia Santos da Silva⁸³ (2009), as rezadeiras, por meio de suas práticas cotidianas, preservam não apenas orações e rituais, mas uma verdadeira memória coletiva que fundamenta a identidade das comunidades em que atuam.

Essa memória não é estática, mas viva, sendo constantemente atualizada através da oralidade, das práticas religiosas e das experiências pessoais. O saber da benzeção é transmitido entre gerações, muitas vezes de forma informal, pela convivência e observação.

A autora relata como a presença de mulheres como Mãe Lina, rezadeira e parteira em Pojuca (BA), influenciou não apenas sua família, mas uma comunidade inteira que se reconhecia nos gestos e saberes dessas figuras femininas.

Nesse sentido, o ofício da benzedeira é mais do que uma prática terapêutica: é um exercício de manutenção da memória, de preservação da cultura e de continuidade simbólica.

As benzedeiras atuam como verdadeiras guardiãs da identidade cultural, especialmente nas regiões mais vulneráveis à homogeneização da cultura pela urbanização e pela modernização.

4.9 - Considerações finais do capítulo

A trajetória da medicina popular no Brasil revela muito mais do que um simples embate entre ciência e tradição. Ela expõe disputas de poder, silenciamentos históricos e estratégias de resistência cultural.

Desde a perseguição às curandeiras na Europa até a marginalização dos saberes indígenas e africanos no período colonial brasileiro, o conhecimento popular foi sistematicamente empurrado para as margens do discurso oficial. No entanto, resistiu — e resiste — não apenas como alternativa terapêutica, mas como expressão legítima de modos de vida, espiritualidade e cuidado com o outro.

⁸³ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

Como foi possível observar, a institucionalização da medicina no Brasil, especialmente a partir do século XIX, reforçou a exclusão de práticas não acadêmicas, ainda que estas fossem amplamente utilizadas por populações inteiras.

A partir do século XX, a tentativa de incorporação das práticas integrativas às políticas públicas de saúde, como com a criação da PNPIC, trouxe avanços importantes, mas também revelou as tensões persistentes entre o saber popular e o científico.

Ainda assim, benzedeiras, rezadeiras e curadoras continuam a ocupar um espaço vital em muitas comunidades. Sua prática, marcada pela oralidade, pela escuta e pela fé, não apenas sobrevive, mas se reafirma como um modo alternativo e complementar de cuidado — especialmente entre os que não se sentem plenamente atendidos pela medicina tradicional.

Como mostram os exemplos de Rebouças (PR) e de tantos outros municípios, como Maceió, a medicina popular continua viva, reinventando-se e resistindo às margens do sistema hegemônico. Por exemplo, identificam-se benzedeiras atuantes nos bairros de Chã de Bebedouro, Forene, Prado e Riacho Doce e no Mercado da Produção, próximo ao centro, demonstrando como mesmo nos contextos urbanos elas mantêm uma forte presença comunitária e espiritual.

Essa trajetória histórica nos ajuda a compreender a importância de reconhecer os saberes populares como parte integrante da cultura e da saúde coletiva.

CAPÍTULO 5 - PRECONCEITOS, ESTIGMAS, E DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS BENZEDEIRAS

Em muitas regiões do Brasil, inclusive em Alagoas, a história da medicina popular é marcada por múltiplos processos de silenciamento e marginalização, especialmente quando praticada por mulheres. Podemos citar, o Quebra de Xangô que ocorreu em 1912 e que é o caso de intolerância religiosa mais conhecido em Maceió e será debatido mais à frente nesse trabalho. Mas, casos de intolerância religiosa ainda ocorrem hoje em dia, principalmente com práticas relacionadas à espiritualidade popular, como as realizadas por benzedeiras, curadoras e rezadeiras.

Em 2023, por exemplo, o Templo de Umbanda Cabocla Jurema e Cabocla Ubirajara⁸⁴, localizado no bairro do Barro Duro, em Maceió, foi alvo de ataques com objetos lançados ao seu interior. Em Arapiraca, também em 2023, uma praticante⁸⁵ de Umbanda foi ameaçada de morte por um vizinho por conta de suas celebrações religiosas.

Esses casos, acompanhados pela OAB de Alagoas, revelam a permanência da perseguição às práticas ligadas à medicina popular, sobretudo quando vinculadas a religiões de matriz africana. Tais episódios evidenciam que o preconceito e o desrespeito à diversidade religiosa continuam sendo desafios contemporâneos para a valorização e a liberdade dessas práticas culturais e espirituais.

As benzedeiras, como figuras centrais desse campo de saberes, sofrem preconceitos que vão além do ceticismo quanto à eficácia de seus rituais: elas enfrentam a desvalorização social por operarem fora do campo institucional da ciência, por transmitirem saberes pela oralidade e por não possuírem validação acadêmica.

A criminalização simbólica também está presente em muitos discursos religiosos. Em sua tese, Dulce Mendes⁸⁶ (2017, p. 87-88) relata casos de benzedeiras

⁸⁴ CADAMINUTO. OAB/AL ACOMPANHA CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA COM TERREIRO DE CANDOMBLÉ EM MACEIÓ. 12 MAIO 2023. DISPONÍVEL EM: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2023/05/12/oab-al-acompanha-caso-de-intolerancia-religiosa-com-terreiro-de-candomble-em-maceio>. ACESSO EM: 10 MAI. 2025.

⁸⁵ OAB-AL. OAB/AL ACOLOHE MAIS UMA VÍTIMA DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO ESTADO. 23 JUN. 2023. DISPONÍVEL EM: <https://www.oab-al.org.br/2023/06/oab-alagoas-acolhe-mais-uma-vitima-de-intolerancia-religiosa-no-estado/>. ACESSO EM: 10 MAI. 2025.

⁸⁶ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES

que sofreram perseguições por líderes religiosos neopentecostais, sendo acusadas de pactos demoníacos ou práticas de feitiçaria.

Apesar disso, muitas continuam suas práticas como forma de resistência: “Cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós”, afirmam em carta do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), citado pela autora.

A partir do século XIX, o Brasil passa por um intenso processo de reorganização sanitária e urbana, onde o modelo biomédico ocidental foi sendo imposto como único meio legítimo de cuidado com a saúde.

Conforme aponta Borges (2017), essa reorganização teve o objetivo de moldar um projeto civilizatório baseado no progresso, e nesse contexto, a figura do curandeiro e da benzedeira foi gradualmente criminalizada, sendo associada à ignorância, ao atraso e à superstição.

Segundo Borges (2017) o processo de higienização, ou seja, de pôr fim às atividades de cura por meio da reza, exercidas pelas rezadeiras e praticantes da medicina popular teria começado bem antes disso, na metade do século XIX, cujo objetivo da coroa era contrapor e regular as práticas de cura alternativas, ou seja, homogeneizar e padronizar os processos relacionados à saúde da população. (BORGES, APUD SILVA⁸⁷, 2022, p. 19)

Sabrina D’Almeida (2018) reforça essa perspectiva ao destacar que o discurso dominante tratava os saberes tradicionais como práticas perigosas, ligadas ao mistério, à magia e ao ocultismo, sendo consideradas obstáculos ao avanço da medicina científica.

A autora afirma que se criou uma imagem simbólica negativa, associando esses saberes ao retrocesso e ao desconhecimento, dificultando seu reconhecimento como parte da identidade e da cultura popular brasileira.

A fim de desestruturar estas práticas e saberes criou-se para elas uma imagem que as associava ao retrocesso, ocultismo, magia, segredo, mistério, sobrenatural, contribuindo para a disseminação de uma ideia de que seriam

uma ameaça ao sonho de progresso e um obstáculo rumo a civilização. (D'ALMEIDA⁸⁸, 2018, p.36).

Além da marginalização simbólica, há um componente de gênero e classe fortemente presente nesse processo. As benzedeiras são, em sua maioria, mulheres pobres, idosas e em boa parte negras ou indígenas, cujos saberes vêm sendo historicamente transmitidos por linhagens femininas.

Isso faz com que seu ofício seja alvo de uma dupla invisibilização: por serem mulheres e por deterem um saber popular e não institucionalizado. Como destaca a autora Luanna Rocha:

A benzeção, neste caso, é considerada com uma ocupação ou ofício, visto que é aprendida na prática ou é passada entre gerações. Por não ser oriunda de um método formal de conhecimento (seus saberes não são sistematizados de acordo com a racionalidade científica moderna), não possuir uma regulamentação pelo Estado e não deter autonomia (política, econômica e prática) a benzeção não pode ser considerada uma profissão. (ROCHA⁸⁹, 2014, p. 23)

Dessa forma, os saberes das benzedeiras acabam sendo tratados como "menos válidos", mesmo que, na prática, atendam a uma necessidade real e concreta de cuidado, sobretudo entre as populações mais vulneráveis e com menos acesso aos serviços públicos de saúde.

De acordo com Allyne Farinha (2012), a confiança depositada nessas mulheres advém do fato de que compartilham o mesmo universo simbólico de suas comunidades, o que gera um sentimento de acolhimento e identificação difícil de ser encontrado na medicina institucionalizada.

Esses agentes de cura compartilhavam o mesmo universo simbólico daqueles que os procuravam, transmitindo, assim, uma relação de confiabilidade, inexistente entre médicos e pacientes. (FARINHA⁹⁰, 2012, p.40)

Esse descompasso entre ciência e tradição também é ressaltado por Erica Oliveira (2011) citada no texto de Dulce Mendes, que mostra como os objetos utilizados pelos curadores (como panos brancos, agulhas e ervas) têm um significado

⁸⁸ D'ALMEIDA, SABRINA SOARES. GUARDIÃ DAS FOLHAS: MOBILIZAÇÃO IDENTITÁRIA DE RAIZEIRAS DO CERRADO E A AUTORREGULAÇÃO DO OFÍCIO. 2018. 330 F. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA) – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO.

⁸⁹ ROCHA, LUANNA DOS SANTOS. EU TE BENZO, EU TE CURO: SABERES E PRÁTICAS DE BENZEDEIRAS DE MACEIÓ-AL. MACEIÓ: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2014.

⁹⁰ FARINHA, ALLYNE CHAVEIRO. AS TRANSFORMAÇÕES DA PRÁTICA DE BENZIMENTO EM ANÁPOLIS 1979-2004. 2012. 167 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM HISTÓRIA) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA.

simbólico profundamente enraizado no contexto sociocultural das comunidades populares. Tais objetos e práticas são vistos como formas legítimas de cuidado e estão diretamente conectados à identidade coletiva de determinados grupos sociais.

Outro aspecto interessante neste estudo é a análise sobre os recursos simbólicos utilizados cujos significados provêm do contexto sociocultural das comunidades em foco, respondendo por sua identidade cultural que é revelada pelas visões de mundo destes grupos sociais.

Assim, segundo um plano de significações contextualizadas e complexas relações entre objetos, doenças e rezas, um pano branco será costurado com agulha e linha para consertar uma carne quebrada ou um nervo torcido. (OLIVEIRA, APUD MENDES⁹¹, 2017, p, 27).

Dessa forma, pelo que foi debatido nesse tópico, fica evidente que o preconceito enfrentado pelas benzedeiras não está apenas relacionado à falta de comprovação científica de suas práticas, mas sim a um projeto histórico de exclusão e inferiorização dos saberes populares e femininos. É nesse sentido que sua atuação deve ser compreendida não apenas como prática de cura, mas como resistência cultural, política e simbólica.

5.1 - A Criminalização Institucional

Desde o Código Penal de 1890, o curandeirismo passou a ser classificado como contravenção penal, uma medida que visava não apenas a organização da saúde pública, mas também o apagamento dos saberes populares.

O artigo estabeleceu como proibido: “Ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeirismo. (GOMES⁹², s.d, p. 2)

Essa criminalização atingiu em cheio práticas como a benzeção, impedindo sua legitimação institucional e ampliando a distância entre medicina científica e medicina tradicional.

⁹¹ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁹² GOMES, ADRIANA. OS IMPRESSOS E A CRIMINALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO NO CÓDIGO PENAL DE 1890: OS DEBATES RETÓRICOS EM PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO. [S.L.]: [S.N.], S.D.

Em diversos relatos analisados por Dulce Mendes⁹³ (2017), observa-se como o uso da força policial e do aparato legal foi comum no combate a curandeiros e líderes religiosos de matriz africana. Isso incluía até mesmo práticas de cura realizadas nos terreiros, associadas ao "feiticismo" e enquadradas como delito.

A repressão às práticas de cura populares esteve diretamente ligada à repressão religiosa. Em Alagoas, por exemplo, o célebre episódio conhecido como “O Quebra de Xangô de 1912” marcou um momento de intensa violência contra os cultos afro-brasileiros, com a destruição de terreiros e perseguição a seus praticantes. Dulce Mendes, relata esse episódio triste da história de Alagoas:

[...] o episódio do “Quebra do Xangô” consistiu na invasão das casas de culto por grupos de pessoas armadas e enfurecidas, que destruíram objetos de culto, elementos decorativos, vestes de orixás, e tudo o mais que viram pela frente. Além, disso, a violência contra os praticantes e os líderes das casas foi tamanha que ainda hoje não se sabe de outra investida que produziu os resultados que esta ocorrência produziu. (MENDES⁹⁴, 2017, p. 92-93)

As benzedeiras, muitas vezes ligadas a esses espaços, foram atingidas por essa repressão institucional e simbólica. Como mostra Dulce Mendes, os praticantes dessas religiões passaram a "rezar baixo", ocultando suas práticas para evitar novas investidas policiais e discriminações sociais.

[...] o som dos atabaques foi substituído pelo som abafado da batida dos chinelos sobre as bocas de grandes potes, e atitudes mais discretas por parte dos praticantes, para evitar que se chamasse atenção sobre a realização das sessões. Essa variedade do Xangô praticado em Alagoas após o evento de fevereiro de 1912 ficou conhecido como “Xangô rezado baixo” em referência a forma mais discreta e silenciosa possível de realização do culto afro-brasileiro. (MENDES⁹⁵, 2017, p. 93)

O preconceito enfrentado pelas benzedeiras não se resume à esfera legal. Ele também está profundamente enraizado nas desigualdades raciais e de classe. Como já citado, o saber dessas mulheres, muitas vezes negras e pobres, é constantemente

⁹³ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁹⁴ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

⁹⁵ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

associado à ignorância ou ao atraso, em oposição ao saber científico, branco e urbano.

Clemilda da Silva ⁹⁶(2022) em sua monografia evidencia que esse estigma se expressa não apenas na forma como a sociedade vê as rezadeiras, mas também na maneira como elas próprias se posicionam diante das instituições. Muitas evitam se expor publicamente por receio de ridicularização ou descrédito por parte da sociedade e até dos profissionais da saúde.

5.2 - O Silenciamento Epistêmico e a Desvalorização do Saber Ancestral

Esse preconceito opera também em um nível mais sutil: o silenciamento epistêmico, ou seja, a recusa em reconhecer as práticas das benzedeiras como portadoras de conhecimento legítimo.

Como observa Karla Calheiros⁹⁷ (2017), as benzedeiras, muitas vezes, substituem o papel que deveria ser do Estado no atendimento à saúde das populações mais pobres, sobretudo em regiões onde os serviços de saúde são precários ou inexistentes.

A partilha desses conhecimentos em prol da saúde comunitária faz com que essas benzedeiras passem a cumprir o papel que seria do Estado na promoção da saúde daqueles que não dispõem de dinheiro e/ou de acesso aos serviços públicos de saúde. (CALHEIROS⁹⁸, 2017, p. 13)

Ainda assim, o saber que exercem é invisibilizado, desconsiderado como ciência e relegado à esfera da crença ou da superstição.

A origem desse estigma, como já expressado, remonta ao período colonial. Pajés indígenas e curandeiros africanos foram alvos constantes de perseguições por parte da Igreja e do Estado.

⁹⁶ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

⁹⁷ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

⁹⁸ CALHEIROS, KARLA RACHEL JARSEN DE MELO. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: UM OLHAR SOBRE AS BENZEDEIRAS/REZADEIRAS ALAGOANAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. IX MESTRES E CONSELHEIROS AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO, BELO HORIZONTE/MG, 2017.

O saber indígena foi considerado incompatível com a lógica colonial e cristã, ao mesmo tempo, o saber africano foi rotulado como “bruxaria” ou “macumba”, justificando perseguições e violências que persistem até os dias de hoje.

O neopentecostalismo parte da crença de que é necessário investir esforços para eliminar a presença e a ação do demônio no mundo. O problema é que classificam as religiões afro-brasileiras como espaços privilegiados de culto e ação do demônio e seus adeptos como representantes e disseminadores do mal. (OLIVEIRA, APUD SILVA⁹⁹, 2022, p. 30)

Essas associações ainda influenciam a forma como a medicina popular é percebida socialmente, sendo frequentemente vinculada ao “misticismo” ou ao “irracional”, em contraste com o suposto rigor científico da medicina ocidental. No entanto, iniciativas como o MASA, têm atuado na defesa da inclusão dessas práticas no SUS, buscando o reconhecimento dos detentores de saberes tradicionais como agentes legítimos de cuidado e promoção da saúde.

5.3 - Racismo e exclusão dos saberes populares

A marginalização das práticas das benzedeiras se relaciona diretamente a um processo histórico de racialização do saber. Como mostra Claudia Silva:

Na primeira metade do século XX, observa-se na Bahia uma intensa campanha preconceituosa, elaborada pelo poder público e amplamente divulgada pelos jornais, contra a vendagem de plantas medicinais, na tentativa de “destruir a independência que a população mais pobre, negra e de origem cabocla conseguia manter usando essas folhas.” (SILVA¹⁰⁰, 2009, p. 12)

Esse exemplo ilustra como o saber das rezadeiras foi tratado como superstição ou charlatanismo, especialmente quando vinculado a grupos sociais marginalizados.

A medicina popular, quando associada às práticas de cura das populações afrodescendentes e indígenas, era e ainda é frequentemente silenciada ou combatida. Como afirma Dulce Mendes (2017), mesmo após o reconhecimento do ofício por movimentos como o MASA, benzedeiras e benzedeiros seguem enfrentando repressão por parte de igrejas e órgãos públicos de saúde, que continuam a tentar deslegitimar suas práticas através de preconceito, perseguição e desvalorização sistemática.

⁹⁹ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

¹⁰⁰ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

Mesmo depois do reconhecimento formal do ofício de benzeção para alguns componentes do MASA, a formação de identidades, o sentido de comunidade, as religiosidades, e o respeito, que são aspectos portados pelas benzedeadas e benzedores organizados em movimentos de reivindicação e luta por direitos de exercerem seus saberes tradicionais continuam, em muitos casos, a serem insuficientes para garantia de poder exercer seus ofícios livre de discriminação ou monitoramento. (MENDES¹⁰¹, 2017, p. 87)

5.4 - Urbanização e a tentativa de criminalização do ofício das benzedeadas

Como aponta Hoffman-Horochovski, citado por Luanna Rocha, além de outros fatores, a tentativa de criminalização do ofício das benzedeadas também se relaciona com os processos de urbanização e racionalização da sociedade brasileira no século XX.

A urbanização, a universalização da saúde, o ingresso e permanência no mercado de trabalho, o crescimento de religiões evangélicas (que geralmente condenam essa prática) e o desinteresse pelas novas gerações em apreendê-la estão entre os fatores que parecem interferir na continuidade. (HOROCHOVSKI APUD ROCHA¹⁰², 2014, p 22)

Com o crescimento das cidades e a centralização dos serviços de saúde em torno dos hospitais e centros médicos, saberes como o das benzedeadas foram cada vez mais relegados aos espaços rurais ou considerados resquícios de um Brasil arcaico. Essa oposição entre o urbano e o tradicional reforçou a ideia de que a medicina popular era incompatível com a modernidade.

Além disso, a construção de um discurso médico hegemônico no século XX contribuiu para consolidar a ideia de que apenas os profissionais com formação acadêmica poderiam oferecer cuidados de saúde. Essa narrativa, amparada por instituições estatais e universitárias, não reconhecia outras formas de conhecimento, como a experiência empírica, a espiritualidade ou o saber transmitido oralmente. Assim, o saber das benzedeadas foi deslegitimado, mesmo sendo eficaz em diversos contextos.

A marginalização também é atravessada por questões de gênero e classe. A maioria das benzedeadas são mulheres negras ou brancas pobres, com baixa

¹⁰¹ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

¹⁰² ROCHA, LUANNA DOS SANTOS. EU TE BENZO, EU TE CURO: SABERES E PRÁTICAS DE BENZEDEIRAS DE MACEIÓ-AL. MACEIÓ: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2014.

escolaridade formal, o que contribui para o preconceito e a desvalorização social de suas práticas.

A tentativa de criminalização de seus saberes, portanto, não é apenas uma questão de saúde ou legalidade, mas também uma expressão das desigualdades estruturais que atravessam a história do Brasil.

Nos últimos anos, algumas benzedeiras têm recorrido às redes sociais e ao ambiente digital como formas de resistência e reconfiguração de suas práticas. Ao utilizarem plataformas como Instagram e YouTube, elas encontram novas maneiras de transmitir seus saberes, divulgar sua atuação e romper com o silenciamento histórico. É o caso de Jacqueline Naylah¹⁰³, bióloga e terapeuta holística que resgatou o legado de sua avó benzedeira e hoje compartilha conhecimentos e realiza atendimentos por meio de suas redes sociais, além de ter publicado os livros *Diário de uma benzedeira* e *Eu te benzo: O legado de minhas ancestrais*.

Outro exemplo é Ana Brasil¹⁰⁴, jovem benzedeira que utiliza Instagram e TikTok para ensinar, realizar benzimentos e desmistificar a prática entre as novas gerações, ampliando o alcance desse saber tradicional no ambiente virtual. Essa presença digital também pode ser compreendida como uma estratégia de proteção frente à marginalização institucional.

Esse cenário de marginalização, intensificado por transformações sociais como a urbanização, o avanço das religiões que condenam práticas tradicionais e o distanciamento geracional, evidencia que as práticas de cura popular não foram apenas culturalmente rebaixadas, mas institucionalmente desautorizadas. Essa tendência culmina de forma mais concreta na legislação do século XX, que normatizou o exercício da medicina e reforçou a exclusão dos saberes não reconhecidos pela academia, como veremos a seguir.

¹⁰³ O TEMPO. BENZEDEIRA DA NOVA ERA REPAGINA A TRADIÇÃO E ARTE DO BENZIMENTO. 29 set. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/benzedeira-da-nova-era-repagina-a-tradicao-e-arte-do-benzimento-1.2391737>. Acesso em: 10 maio 2025.

¹⁰⁴ REVISTA MARIE CLAIRE. DESMISTIFICAR A PRÁTICA: NOVA GERAÇÃO DE BENZEDEIRAS BUSCAM PASSAR CONHECIMENTO PELAS REDES SOCIAIS. 14 AGO. 2024. DISPONÍVEL EM: <https://revistamarieclaire.globo.com/comportamento/noticia/2024/08/desmistificar-a-pratica-nova-geracao-de-benzedeiras-buscam-passar-conhecimento-pelas-redes-sociais.ghtml>. ACESSO EM: 10 MAI. 2025.

A regulamentação da medicina no Brasil aprofundou o abismo entre o saber popular e o saber acadêmico. Como descrito em Rezadeiras: Guardiãs da Memória (2009), após a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Medicina em 1945 e 1957, surgiram medidas que passaram a considerar o exercício da cura por pessoas não autorizadas como prática ilegal.

A Lei 2.312 de 1954 e o Código Nacional de Saúde de 1961 reforçaram que apenas profissionais registrados poderiam exercer a "arte de curar".

No Brasil após os anos 40 do século XX, sobretudo após a institucionalização do Conselho Federal de Medicina em 1945 – este reestruturado em 1957 juntamente com os Conselhos Regionais – os médicos com outros profissionais da área de saúde (enfermeiros, farmacêuticos, dentre outros) demarcaram quem poderia exercer as profissões relacionadas com a arte de prevenir ou curar doenças. Com a regulamentação de tais conselhos, o Estado delegava poderes para que os mesmos combatessem o exercício ilegal da medicina em quaisquer de seus ramos. Com a criação das Normas Gerais sobre Defesa e Proteção da Saúde, através da Lei 2312 de setembro de 1954 e com sua regulamentação sob denominação de Código Nacional de Saúde em 1961¹⁰⁵, estava determinado que os Conselhos de Medicina seriam os principais responsáveis quanto à disciplinarização do exercício profissional nas artes de curar, ficando o Estado, via autoridade sanitária, a suplementar tal ação.¹⁰⁶ Competindo aos conselhos regionais de medicina e às autoridades sanitárias fiscalizar (SANTOS, APUD SILVA¹⁰⁵, 2009, p, 12-13)

Essa legislação não mencionava diretamente as benzedeiras, mas ao estabelecer que somente profissionais legalmente habilitados podiam praticar a medicina, criou um ambiente hostil para os saberes tradicionais. Muitas benzedeiras passaram a esconder seu ofício, por receio de serem acusadas de curandeirismo, o que contribuiu para sua invisibilização social e institucional.

Ainda assim, como lembra Dulce Mendes¹⁰⁶ (2017), o saber continua sendo transmitido oralmente, como uma resistência silenciosa à institucionalização do cuidado.

Por meio dessa oralidade e também do afeto, da experiência e da coletividade. Como afirma Ecléa Bosi citada no texto de Claudia Silva (2009, p, 12), “as lembranças

¹⁰⁵ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

¹⁰⁶ MENDES, DULCE SANTORO. COM UM TE BOTARAM COM DOIS EU TE TIRO!: UM ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E DOS BENZEDEIROS MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE IGREJA NOVA – ALAGOAS. RIO DE JANEIRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017.

grupais se apoiam umas nas outras focando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal” .

A memória coletiva é o fio que une essas mulheres ao seu passado e à sua missão, tornando o ofício da benzeção parte fundamental da cultura popular brasileira.

Essas mulheres e homens também, não apenas curam, mas constroem pertencimento. Segundo Claudia Silva ¹⁰⁷(2009, p. 2), “as rezadeiras são legítimas guardiãs das memórias de uma população, que corre o risco de perder o seu referencial cultural, oprimida especialmente pela realidade moderna” .

Ao manterem vivas suas práticas, elas fortalecem os vínculos comunitários e criam espaços de resistência cultural, provando mais uma vez que são parte política da sociedade.

5.5 - A relação entre a medicina popular e a medicina tradicional e a reformulação das benzedeiras no contexto das novas tecnologias

Embora historicamente marginalizada, a medicina popular nunca deixou de coexistir com a medicina tradicional. No entanto, essa coexistência nem sempre foi harmoniosa. As investigações entre esses dois sistemas de saúde refletem uma luta pelo monopólio do conhecimento médico, mas, ao longo do tempo, também têm evidências de integrações ocorridas.

Em uma entrevista dada ao G1 sobre as benzedeiras, o até então presidente do Conselho de Medicina de Alagoas (Cremal), Fernando Pedrosa, comentou sobre essa relação entre medicina popular e tradicional:

Não há na classe médica nenhum parecer formal que indique como os profissionais de saúde devem proceder diante das práticas das benzedeiras. No entanto, como a medicina também reconhece milagres, fenômenos que muitas vezes não são explicados cientificamente, não há como ignorar alguns aspectos da fé e até mesmo as respostas da mente. Por isso, o melhor a fazer é adotar uma conduta sem conflitos, permitir que costumes populares caminhem junto aos avanços da medicina. (G1 Alagoas, 2014¹⁰⁸)

¹⁰⁷ SILVA, CLAUDIA SANTOS DA. REZADEIRAS: GUARDIÃS DA MEMÓRIA. SALVADOR: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009.

¹⁰⁸ G1 ALAGOAS. BENZEDEIRAS DE COMUNIDADES NEGRAS DE AL MANTÊM TRADIÇÃO DA CURA PELA FÉ. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://G1.GLOBO.COM/AL/ALAGOAS/NOTICIA/2014/08/BENZEDEIRAS-DE-COMUNIDADES-NEGRAS-DE-AL-MANTEM-TRADICAO-DA-CURA-PELA-FE.HTML](https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html) . ACESSO EM: 24 JAN. 2025.

Entrevistada também, Luana Rocha, pesquisadora na área de práticas de saúde, relações sociais e que é enfermeira, complementou:

Quem busca uma benzedeira acredita na capacidade daquela mulher e das suas práticas em resolver e amenizar problemas. Quem as procura vai em busca de tratamentos, conselhos e outras experiências que não se encontram com facilidade na medicina. Algo que envolve crença, confiança, tradição e fé. (G1 Alagoas, 2014¹⁰⁹)

Maria do Rosário expressa um ponto de vista semelhante, afirmando que a medicina tradicional e a medicina natural podem coexistir:

A natural demora mais, é mais prolongada para fazer efeito, se for o caso de uma doença muito séria, então teria que procurar realmente um médico, né? (...), mas tem pessoas que não precisam só de um remédio, precisam de uma palavra de conforto, de um banho de descarrego. (Oliveira, 2025¹¹⁰)

Com o avanço da biomedicina e da ciência médica, houve uma abertura gradual para considerar certos aspectos da medicina popular. De acordo com Cecil Helman ¹¹¹(2001), a medicina popular passou a ser vista como uma prática complementar à medicina tradicional, especialmente em contextos onde o acesso aos serviços de saúde é limitado.

O uso de plantas medicinais, por exemplo, tem sido progressivamente incorporado à medicina moderna, particularmente com o aumento da pesquisa em fitoterapia e o reconhecimento dos benefícios de certas ervas usadas tradicionalmente, como a arruda, a guiné e o alecrim.

O Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do SUS, lançado em 2006, é um exemplo de como uma medicina tradicional e popular tem buscado um caminho de integração. O programa busca validar cientificamente o uso de plantas medicinais, reconhecendo o valor dos saberes tradicionais e oferecendo uma alternativa acessível à população.

A implementação da Fitoterapia no SUS representa, além da incorporação de mais uma terapêutica ao arsenal de possibilidades de tratamento à disposição dos profissionais de saúde, o resgate de uma prática milenar, onde se imbricam o conhecimento científico e o conhecimento popular e seus

¹⁰⁹ G1 ALAGOAS. BENZEDEIRAS DE COMUNIDADES NEGRAS DE AL MANTÊM TRADIÇÃO DA CURA PELA FÉ. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://G1.GLOBO.COM/AL/ALAGOAS/NOTICIA/2014/08/BENZEDEIRAS-DE-COMUNIDADES-NEGRAS-DE-AL-MANTEM-TRADICAO-DA-CURA-PELA-FE.HTML](https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzeadeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html). ACESSO EM: 3 JAN. 2025.

¹¹⁰ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2024.

¹¹¹ HELMAN, CECIL G. CULTURA, SAÚDE E DOENÇA. 4. ED. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2001.

diferentes entendimentos sobre o adoecimento e as formas de tratá-lo. (Figueredo; Gurgel; Gurgel Junior¹¹², 2014, p. 382)

A coexistência entre a medicina popular e a medicina tradicional tem encontrado um terreno comum na ideia de complementaridade. Embora ainda haja desafios na acessibilidade ampla das práticas populares, a crescente demanda por abordagens de saúde integrativas tem aberto espaço para o diálogo entre médicos e praticantes de cura popular.

Isso inclui o reconhecimento de que muitas práticas de cura popular lidam com aspectos emocionais e espirituais da saúde, que são complementares aos tratamentos médicos tradicionais, focados no físico.

Como aponta Francisco Laplantine¹¹³ (2010), a medicina popular aborda dimensões da saúde que são, muitas vezes, negligenciadas pela biomedicina. O reconhecimento dessa complementaridade é uma oportunidade de aproximar os dois sistemas de cura, beneficiando uma população de forma mais ampla.

A medicina popular, ao longo dos séculos, tem se mostrado resiliente frente ao preconceito e às barreiras institucionais, ao mesmo tempo que mantém seu papel crucial na saúde comunitária. Sua relação com a medicina tradicional está em um ponto de transformação, no qual a complementaridade e a integração surgem como caminhos possíveis para a harmonização desses dois sistemas.

O desafio, entretanto, permanece: encontrar um equilíbrio que reconheça e valorize o saber popular, sem apagar sua singularidade e suas raízes culturais. Nesse sentido, a medicina popular desempenha não apenas uma função curativa, mas também um papel essencial na preservação da cultura de diversas sociedades.

Funcionando como um repositório de saberes ancestrais e tradições culturais, a medicina popular reflete a capacidade de adaptação dos seres humanos ao seu ambiente, integrando crenças espirituais com o uso prático de recursos naturais.

A relevância cultural da medicina popular transcende o aspecto terapêutico, consolidando-se como uma expressão de identidades culturais e como uma forma de

¹¹² FIGUEREDO, CLIMÉRIO AVELINO DE; GURGEL, IDÊ GOMES DANTAS; GURGEL JUNIOR, GARIBALDI DANTAS. A POLÍTICA NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS: CONSTRUÇÃO, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. INTERNET. PHYSIS: REVISTA DE SAÚDE COLETIVA, V. 24, N. 2, 2014.

¹¹³ LAPLANTINE, FRANCISCO. ANTROPOLOGIA DA DOENÇA. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2010.

resistência à hegemonia científica, além de ser uma estratégia de sobrevivência e resiliência diante das transformações sociais e tecnológicas contemporâneas.

5.6 - Memória, linhagem e transformação: o saber das benzedeiras entre as gerações

Um dos principais mecanismos que permitem a continuidade da medicina popular é a transmissão oral. Saberes e práticas são passados de geração em geração, principalmente dentro das famílias, o que garante a perpetuação desses conhecimentos, mesmo em contextos de exclusão ou repressão institucional.

Benzedeiras e curandeiros frequentemente aprendem suas técnicas observando e praticando com familiares mais velhos ou observando as pessoas sendo benzidas o que assegura a continuidade da tradição. A entrevistada Eliete Maria dos Santos Silva ¹¹⁴ reforça essa visão ao relatar sua experiência: "Eu levava meus filhos para benzer, aí aprendi. Ficava prestando atenção e fui aprendendo, foi assim que aprendi."

Maria do Rosário Oliveira¹¹⁵ agrega ao falar sobre a dificuldade que é hoje em dia em passar essa tradição a frente, principalmente pela falta de interesse daqueles que deveriam ser seus substitutos.

A dificuldade de passar em geração e geração, no meu caso, meu pai passou pra mim, mas eu não posso passar pra um filho meu, porque meu filho não se interessa pelo meu ramo, trabalhar da forma que eu trabalho, eles não se interessam e outra coisa, as benzedeiras estão sumindo também, como eu disse a você, são energias que são passadas, então se eu por acaso, vou benzer uma pessoa que ta completamente carregada e não é só uma cura de ramos que vai ficar legal, ela vai ficar ali legal naquele momento, mas depois vai voltar tudo de novo, então a benzedeira, ela absorve todo tipo de energia, então cada energia daquela que ela vai absorvendo, ela vai esmorecendo, esmorecendo, esmorecendo. E vai chegar o tempo que vai acabar a missão dela, aí não tem outra pra ficar no lugar dela. (Oliveira, 2025¹¹⁶)

Como se é observado pela maioria dos autores citados nesse trabalho, a prática da medicina popular muitas vezes depende de redes de parentesco e solidariedade comunitária, onde as mulheres, em particular, desempenham um papel

¹¹⁴ SILVA, ELIETE MARIA DOS SANTOS. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

¹¹⁵ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

¹¹⁶ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

central como transmissoras de saberes. Essa perpetuação é vital para a sobrevivência das práticas de cura popular, uma vez que muitos dos seus fundamentos estão ancorados na experiência vivida e na memória coletiva.

Em continuidade, a transmissão do saber entre as gerações de benzedeiras é, antes de tudo, um processo profundamente marcado por afetos, silêncios, resistências e transformações culturais. Ao analisarmos os depoimentos das benzedeiras presentes no trabalho de Maria Clemilda da Silva¹¹⁷, percebe-se que muitas aprenderam a benzer com suas mães, avós ou madrinhas — em geral, mulheres mais velhas da família, guardiãs de uma tradição que se consolidava pela oralidade e pela observação (SILVA, 2022). Esse saber é passado não por meio de instituições formais, mas por meio do convívio, do corpo, da escuta e da repetição de gestos ritualísticos.

Há uma preocupação recorrente entre as rezadeiras mais idosas em relação ao desaparecimento de sua prática. Algumas afirmam que “ninguém mais quer aprender” e outras chegam a dizer que “não encontram quem mereça” carregar aquele saber. Essas falas revelam não apenas um medo do esquecimento, mas também uma dimensão ética e espiritual no processo de transmissão: não se trata apenas de repetir palavras, mas de assumir um compromisso com o outro, com a fé e com o cuidado.

Questionada sobre o futuro da prática das benzedeiras, Maria do Rosário mostra preocupação: "Futuramente não vai existir! (...) Tem muita gente que vê as benzedeiras como uma bruxa, mas eu acredito que futuramente não vai existir. Ta perto de acabar e é raro, raro mesmo você encontrar uma benzedeira" (OLIVEIRA¹¹⁸, 2025). Suas palavras se confirmam através desse trabalho que encontrou uma enorme dificuldade em encontrar uma benzedeira.

Porém, a benzedeira Eliete Maria dos Santos Silva¹¹⁹, tem uma visão mais positiva e incisiva “Acho que não, deve ter alguém ainda que vai dar continuidade.”

¹¹⁷ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

¹¹⁸ OLIVEIRA, MARIA DO ROSÁRIO MARQUES DE. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

¹¹⁹ SILVA, ELIETE MARIA DOS SANTOS. ENTREVISTA CONCEDIDA A MARÍLIA GABRYELLA DOS SANTOS SILVA. 2025.

O historiador Eric Hobsbawm¹²⁰ e Ranger Terence nos ajuda a entender esse movimento quando afirmam que muitas tradições são “invenções do presente” sobre o passado, ou seja, são recriadas conforme o contexto histórico e social exige. No caso das benzedadeiras, há uma tensão constante entre manter o que foi ensinado pelas antepassadas e adaptar os rituais às exigências do tempo presente, como o uso de redes sociais, gravações de orações e o atendimento por chamada de vídeo. Esse processo pode ser visto como uma reconfiguração cultural, onde a tradição se atualiza sem perder sua essência.

Já Mariluz Heberlê, ao analisar a atuação das benzedadeiras na região Sul do Brasil, mostra que muitas delas não foram incentivadas pelas mães a seguir o ofício, mas sentiram o “chamado” da fé e buscaram reconstruir os saberes com base em fragmentos de lembranças ou ensinamentos herdados da infância (HEBERLÊ¹²¹, 2013). Esse movimento revela que, embora a linhagem matrilinear seja predominante, a escolha por assumir o ofício também pode surgir de um impulso individual — um chamado espiritual que atravessa o tempo.

A filósofa Hannah Arendt¹²² (2014), ao discutir a ideia de natalidade, argumenta que cada nova geração traz consigo a capacidade de recomeçar o mundo. Essa reflexão pode ser aplicada às jovens benzedadeiras que hoje retomam o ofício com uma nova linguagem, resgatando símbolos ancestrais, mas também estabelecendo novos modos de atuação, mais autônomos, conscientes de seu lugar político como mulheres e como curadoras.

¹²⁰ HOBBSAWM, ERIC J.; RANGER, TERENCE. A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES. 12ª ED. SÃO PAULO: PAZ & TERRA, 2012.

¹²¹ HEBERLÊ, MARILUZA OLIVEIRA. UM ESTUDO DA CONCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE. SANTA MARIA: [SN], 2013.

¹²² ARENDT, HANNAH. A CONDIÇÃO HUMANA. [TRAD. PAULO CÉSAR M.]. RIO DE JANEIRO: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 2014.

Para elas, ser benzedeira é também um gesto de resistência cultural e afirmação de identidade, como vemos nos relatos coletados por Franciel dos Santos Rodrigues (RODRIGUES¹²³, 2019).

Na perspectiva de Paul Ricoeur, o ato de lembrar não é apenas recuperar o que passou, mas também reinscrever esse passado no presente com base nas demandas do tempo atual (RICOEUR¹²⁴, 2007).

Assim, as novas gerações de benzedeadas não repetem fielmente os gestos do passado: elas reinterpretam, reelaboram, ressignificam. Algumas, por exemplo, combinam a reza com práticas de fitoterapia estudadas em cursos de extensão, enquanto outras organizam rodas de conversa e encontros virtuais para compartilhar saberes — algo impensável para suas antecessoras, cujos rituais muitas vezes se restringiam ao espaço doméstico.

Por fim, é importante destacar que o diálogo entre gerações de benzedeadas não ocorre sem tensões. Em muitos casos, há diferenças quanto ao uso de tecnologias, à abertura para outros saberes (como terapias integrativas) e até mesmo sobre o “verdadeiro” modo de benzer. Essas disputas fazem parte de um processo maior de redefinição identitária, em que tradição e inovação caminham juntas. Como afirma Victor Turner, o rito é uma estrutura viva, que carrega tanto a ordem estabelecida quanto a possibilidade de sua transformação (TURNER¹²⁵, 1974).

5.7 - O desafio de manter a tradição frente à urbanização e ao ceticismo crescente

A prática do benzimento enfrenta desafios significativos no contexto atual, especialmente devido à urbanização e ao avanço do ceticismo em relação às crenças populares. Em áreas urbanas, onde há maior acesso à medicina convencional e à informação científica, muitas pessoas passam a questionar a eficácia dos rituais de cura tradicionais.

¹²³ RODRIGUES, FRANCIEL DOS SANTOS. ENTRE O DITO E O ESCRITO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DAS REZADEIRAS E DA COMUNIDADE DE JUNCO DO SERIDÓ – PB. CAMPINA GRANDE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2019.

¹²⁴ RICOEUR, PAUL. A MEMÓRIA, A HISTÓRIA, O ESQUECIMENTO. TRADUÇÃO: ALAIN FRANÇOIS, LUÍS MARCOS SILVA. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP, 2007.

¹²⁵ TURNER, VICTOR. O PROCESSO RITUAL: ESTRUTURA E ANTIESTRUTURA. PETRÓPOLIS: VOZES, 1974.

Esse fenômeno, impulsionado pelo racionalismo e pelo avanço da tecnologia, tem levado à diminuição do número de benzedeiras, uma vez que menos pessoas se interessam em aprender e dar continuidade à tradição.

Karl Marx¹²⁶, ao analisar as transformações sociais impulsionadas pela modernidade, afirma que “tudo que é sólido desmancha no ar” (2017, p. 19), referindo-se à forma como a industrialização e a urbanização dissolvem as antigas tradições e laços comunitários.

Nesse sentido, a tradição das benzedeiras, enraizada em crenças e práticas coletivas, é ameaçada pelo individualismo crescente das sociedades urbanas e pela ênfase em um modelo de conhecimento científico e institucionalizado.

Além disso, a vida nas cidades impõe mudanças nas dinâmicas sociais que dificultam a continuidade das práticas tradicionais. O ritmo acelerado da vida urbana, o afastamento dos laços comunitários e a menor proximidade com a natureza impactam diretamente a transmissão do conhecimento sobre as ervas medicinais e os rituais de benzimento.

Sobre as ervas, é interessante salientar que a internet tem facilitado o acesso a estudos científicos que investigam as propriedades medicinais de plantas tradicionalmente utilizadas na cura popular. Isso permite que as pessoas verifiquem a eficácia dessas práticas com base em evidências científicas, promovendo um diálogo mais estreito entre a medicina popular e a medicina formal.

A pesquisa etnobotânica¹²⁷ tem sido beneficiada pelas ferramentas digitais, que permitem a coleta e análise de dados em grande escala. Bancos de dados sobre plantas medicinais, como o Plant List e o Tropicos, têm sido usados por pesquisadores para documentar e catalogar o uso de plantas medicinais em diversas culturas. Isso ajuda a legitimar o uso da medicina popular em contextos onde a ciência médica é o principal ponto de referência.

¹²⁶ MARX, KARL; ENGELS, FRIEDRICH. MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA. SÃO PAULO: SUNDERMANN, 2017.

¹²⁷ A pesquisa etnobotânica é o estudo das interações entre sociedades humanas e as plantas, analisando como diferentes culturas utilizam, classificam e atribuem significados às espécies vegetais em contextos medicinais, alimentares, rituais e ecológicos. WIKIPÉDIA. ETNOBOTÂNICA. DISPONÍVEL EM: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etnobot%C3%A2nica>. ACESSO EM: 02 ABR. 2025.

Ainda assim, diferente das comunidades localizadas no interior, onde as benzedeiras são figuras conhecidas e respeitadas, como é o caso de municípios alagoanos como Estrela de Alagoas, Dois Riachos, Canapi, Pariconha e Palmeira dos Índios, nas cidades elas muitas vezes passam despercebidas ou enfrentam resistência por parte daqueles que consideram suas práticas ultrapassadas. Max Weber (1991) descreve esse processo como “desencantamento do mundo”, referindo-se ao enfraquecimento das explicações místicas e religiosas diante do avanço da racionalidade e da burocracia modernas.

Apesar desses desafios, algumas benzedeiras têm encontrado formas de se adaptar à modernidade. O uso das redes sociais, mesmo sendo mal aceito por parte das praticantes mais tradicionais, tem permitido que muitas divulguem seu trabalho e alcancem um público maior, rompendo barreiras geográficas e geracionais.

Um exemplo é Geny Magalhães, servidora pública nascida no interior de Alagoas e residente em Cubatão (SP), que resgatou os saberes ancestrais de sua infância e passou a oferecer banhos e chás terapêuticos utilizando ervas cultivadas em sua horta, combinando práticas de benzimento com fitoterapia e aromaterapia. Ela compartilha suas experiências e receitas por meio de redes sociais e encontros comunitários, promovendo a valorização da medicina popular no meio urbano.

Além disso, no Distrito Federal, Maria Bezerra coordena a Escola de Almas Benzedeiras de Brasília, onde promove sessões de benzimento em unidades básicas de saúde, integrando saberes tradicionais com práticas integrativas e complementares reconhecidas pelo SUS, como a fitoterapia, e utilizando as redes sociais para divulgar essas atividades. Essas iniciativas demonstram como a ressignificação das práticas tradicionais amplia o alcance do saber popular e contribui para sua legitimação em contextos urbanos, onde a medicina popular é frequentemente desvalorizada. Movimentos como esses tem contribuído para a valorização da medicina popular no meio urbano.

Essa crescente valorização do que podemos chamar de terapias alternativas, nas últimas décadas também tem contribuído para a permanência da medicina popular. Com o aumento da procura por tratamentos que integrem corpo e mente, a medicina popular tem ganhado espaço entre aqueles que buscam abordagens mais naturais e menos invasivas para suas questões de saúde.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 80% da população mundial utiliza algum tipo de medicina tradicional ou popular como forma de tratamento primário. Luana Sehnem cita Luz e Bates em seu texto sobre Terapias alternativas para falar sobre esse crescente interesse:

O crescimento no interesse populacional pelas Terapias Alternativas ocorre em razão da busca por novas formas de aprender e aplicar saúde ou, ainda, pela insatisfação popular com os métodos de saúde tradicionais (LUZ, 1997, 2003; BATES, 2000),

E a autora complementa

Sendo influenciadas também pela mudança no entendimento dos conceitos de saúde e doença no processo cultural em permanente mudança. (Less; Sehnem¹²⁸, 2018, p. 219)

Além disso, o aumento no interesse por estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis tem levado muitas pessoas a redescobrir os benefícios das práticas populares de cura, especialmente no que diz respeito ao uso de plantas medicinais e à reconexão com a natureza.

Dessa forma, mesmo diante do ceticismo e das transformações sociais, a tradição do benzimento continua a resistir, demonstrando sua capacidade de adaptação e relevância.

Como destaca Elda Oliveira¹²⁹ (1983, p. 27-28), a prática "vem se abrindo a setores da população que combinam, sem ambiguidade, os conhecimentos da ciência aos do saber popular", indicando que a coexistência entre diferentes formas de conhecimento pode ser um caminho para a sobrevivência dessa tradição.

Esse processo pode ser entendido à luz da teoria de Émile Durkheim¹³⁰ (1996), que argumenta que as práticas religiosas e rituais não desaparecem completamente na modernidade, mas se transformam para atender às novas necessidades sociais.

5.8 - Tecnologia, adaptação e tensões contemporâneas

Frente ao avanço da urbanização e do desencantamento do mundo moderno, como já dito, as benzedeiras têm buscado novas formas de manter sua prática viva.

¹²⁸ SEHNEM, LUANA APARECIDA LESS; SCHEILA BEATRIZ. TERAPIAS ALTERNATIVAS E SAÚDE PÚBLICA. [SL]: PESQUISA EM PSICOLOGIA - ANAIS ELETRÔNICOS, 2018.

¹²⁹ OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. DOENÇA, CURA E BENZEDURA: UM ESTUDO SOBRE O OFÍCIO DA BENZEDEIRA EM CAMPINAS. CAMPINAS: [S.N.], V. 1, 1983.

¹³⁰ DURKHEIM, ÉMILE. AS FORMAS ELEMENTARES DA VIDA RELIGIOSA. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1996.

A tecnologia tem desempenhado um papel central nesse processo de adaptação e reconfiguração.

Algumas benzedeadas utilizam redes sociais como YouTube e Instagram para ensinar orações, explicar o uso de ervas e até realizar atendimentos virtuais. Essa atuação digital não substitui o contato direto, mas representa uma forma de ampliar o alcance da prática e resistir ao esquecimento.

Como observa Maria Clemilda Silva, as plataformas digitais se tornaram um espaço estratégico para continuar o trabalho de cura sem romper completamente com suas raízes simbólicas (SILVA¹³¹, p. 58). É o caso de Dona Ondina¹³², benzedeadas de 88 anos de Florianópolis, que com o apoio da família passou a realizar benzimentos por meio de transmissões ao vivo no Facebook e Instagram, alcançando até brasileiros residentes no exterior.

Outro exemplo é o projeto Florescer Bento, idealizado por Pâmela Souza¹³³, que organiza “ambulatórios” de benzimento online e conta com milhares de seguidores nas redes sociais. Essas experiências demonstram como a tradição do benzimento vem sendo recriada e ressignificada no ambiente virtual, sem perder sua essência comunitária e espiritual.

Apesar do potencial de disseminação, há também tensões em torno dessa nova forma de atuação. Benzedeadas mais antigas demonstram ceticismo quanto à eficácia da prática mediada por telas. Como bem já foi relato anteriormente, Maria do Rosário afirma que a benzeção depende do toque, do olhar e da troca energética, elementos que não podem ser plenamente alcançados à distância.

Além disso, o uso da tecnologia pode favorecer a banalização dos saberes populares. A exposição de rituais sagrados em ambientes de consumo rápido pode

¹³¹ SILVA, MARIA CLEMILDA DA. XÔ OLHO GRANDE!: AS AMEAÇAS DE EXTINÇÃO DAS REZADEIRAS TRADICIONAIS E O SURGIMENTO DAS NOVAS REZADEIRAS DOS MEIOS DIGITAIS. RECIFE: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2022.

¹³² NSC TOTAL. DONA ONDINA, A BENZEDEIRA DE 88 ANOS QUE REINVENTOU SUA PRÁTICA NA INTERNET. 9 ABR. 2021. DISPONÍVEL EM: <https://www.nscotal.com.br/noticias/benzedeadas-tradicao-renovada-pela-internet>. ACESSO EM: 10 MAIO 2025.

¹³³ ESTADÃO. BENZEDEIRAS SURGEM EM VERSÃO REDES SOCIAIS. 3 OUT. 2021. DISPONÍVEL EM: <https://www.estadao.com.br/brasil/benzedeadas-surgem-em-versao-redes-sociais>. ACESSO EM: 10 MAIO 2025.

esvaziar seus sentidos mais profundos. Por isso, é essencial que o uso das redes sociais seja feito com consciência ética e respeito ao caráter espiritual do ofício.

Mesmo diante dos desafios, a prática da benzeção segue viva, reinventando-se entre gerações, entre o rural e o urbano, entre o sagrado e o digital. Essa capacidade de adaptação demonstra a força de uma tradição que, longe de desaparecer, segue se moldando às transformações do tempo presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado ao longo deste trabalho permitiu uma reflexão crítica e afetiva sobre a medicina popular praticada pelas benzedeiras brasileiras. Ao longo dos capítulos, ficou evidente que essas práticas, muitas vezes invisibilizadas pelas estruturas oficiais de poder, permanecem vivas graças à resistência cotidiana de mulheres como Maria do Rosário Marques de Oliveira e Eliete Maria dos Santos Silva. Suas histórias não apenas ilustram a permanência de um saber ancestral, mas também revelam a potência da fé, do cuidado comunitário e da oralidade como formas de enfrentamento ao esquecimento e à marginalização institucional.

A medicina popular, ao contrário do que muitos discursos oficiais ainda tentam sustentar, não é um resquício do passado, mas um saber dinâmico, que se adapta, se transforma e se reinventa sem perder suas raízes. Essa capacidade de se manter viva mesmo diante da imposição de um modelo biomédico dominante revela a profundidade de sua legitimidade e a força de sua presença nos territórios onde o Estado muitas vezes se ausenta.

Ao revisitar os contextos históricos de criminalização, os preconceitos atravessados por classe, raça e gênero, e as tentativas recentes de valorização dessas práticas em alguns espaços institucionais, foi possível perceber que a benzeção carrega, além do gesto de cura, uma dimensão política. As benzedeiras não são apenas guardiãs de um saber, mas também de uma memória coletiva que insiste em existir, mesmo quando silenciada.

Outro aspecto fundamental revelado nesta pesquisa foi a relação entre tradição e inovação. O uso das tecnologias digitais por algumas benzedeiras representa um novo capítulo nessa trajetória: uma possibilidade de expandir o alcance do cuidado, dialogar com novas gerações e afirmar sua presença em espaços antes inacessíveis. Esse movimento não rompe com a tradição — ao contrário, reafirma sua relevância ao incorporá-la aos meios contemporâneos.

Por fim, este trabalho se encerra com a consciência de que muito ainda precisa ser feito para que os saberes populares ocupem o lugar de reconhecimento que merecem, inclusive no campo acadêmico. Que essa pesquisa possa contribuir, ainda que modestamente, para esse processo de valorização e legitimação, e que inspire

novos estudos, práticas e políticas públicas comprometidas com a pluralidade dos modos de cuidar, de crer e de existir.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. Quando dizer é fazer. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AVELINO, Jamil D. *Os medos na Idade Média (séculos X – XIII)*. Dissertação (Mestrado em História). Goiás: FAN/ISE, 2010.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. [Trad. Paulo César M.]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BORGES, Miguel Ângelo Velanes. *Saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras em comunidades de Camaçari: diálogos entre saberes populares e educação formal*. Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Maceió promove atenção primária no Nordeste com melhor desempenho entre as capitais da região*. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/outubro/maceio-promove-atencao-primaria-no-nordeste-com-melhor-desempenho-entre-as-capitais-da-regiao>. Acesso em: 05 mar. 2025.

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. A cura através da fé: um olhar sobre as benzedadeiras/rezadeiras alagoanas. Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio, Belo Horizonte/MG, 2017.

D'ALMEIDA, Sabrina Soares. *Guardiã das folhas: mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício*. 2018. 330 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAUNDEZ, Antônio. Oralidade e escrita. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias do eu e outros textos. Org. Luther H. Martin et al. Trad. de Ana M. F. Amaral et al. São Paulo: Edições Loyola, s.d.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias del yo – Y otros textos afines. Tradução de Mercedes Allendesalazar. 1. ed. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. 150p. (Coleção Pensamiento Contemporáneo, 7).

FARINHA, Allyne Chaveiro. *As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004*. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

FAUNDEZ, Antônio. *Oralidade e escrita*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

G1 ALAGOAS. Benzedeiras de comunidades negras de AL mantêm tradição da cura pela fé. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benzedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html>. Acesso em: 3 jan. 2025.

GASPAR, Eneida D. Guia de religiões populares do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GOMES, Adriana. *Os impressos e a criminalização do espiritismo no Código Penal de 1890: os debates retóricos em periódicos do Rio de Janeiro*. [S.l.]: [s.n.], s.d.

HEBERLÊ, Mariluzia Oliveira. Um estudo da concepção dos profissionais de saúde sobre as práticas integrativas e complementares em saúde. Santa Maria: [s.n.], 2013.

HOROCHOVSKI, Mariseti H. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. *Guaju*, Matinhos, v. 1, n. 2, 2015.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 12. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_rg_volume1.pdf. Acesso em: 05 mar. 2025.

KOSMASKI, Lindolfo. *A constituição do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) na luta pela valorização e reconhecimento dos saberes dos detentores de ofícios tradicionais*. Curitiba: VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2017.

- LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia estrutural*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 193-214.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "O feiticeiro e sua magia". S/d. [1949].
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2005.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. "Malineza": um conceito da cultura amazônica. In: BIRMAN, Patrícia et al (org.). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: Edurj, 1997.
- MENDES, Dulce Santoro. *Com um te botaram com dois eu te tiro!: um estudo sobre as benzedadeiras e dos benzedores moradores das comunidades quilombolas de Igreja Nova – Alagoas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2017.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas*. Campinas: [s.n.], v. 1, 1983.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- OLIVEIRA, Maria do Rosário Marques de. *Entrevista concedida a Marília Gabryella dos Santos Silva*. 2025.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François, Luís Marcos Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROCHA, Luanna dos Santos. *Eu te benzo, eu te curo: saberes e práticas de benzedadeiras de Maceió-AL*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2014.
- RODRIGUES, Franciel dos Santos. *Entre o dito e o escrito: histórias e memórias das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó – PB*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2019.
- SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar*. São Paulo: Revista CPC, 2009.

SANTOS, Sergiana Vieira dos. Para as ondas do mar sagrado: uma etnografia dos rituais das rezadeiras e dos rezadores de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SILVA, Eliete Maria dos Santos. Entrevista concedida a Marília Gabryella dos Santos Silva. 2025.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras em quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2015.

SILVA, Claudia Santos da. *Rezadeiras: guardiãs da memória*. Salvador: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009.

SILVA, Maria Clemilda da. Xô olho grande!: as ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 1991.

WIKIPÉDIA. *Etnobotânica*. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Etnobot%C3%A2nica>. Acesso em: 02 abr. 2025.

ANEXOS

Figura 1: Guiné



Fonte: MEINBERG, CRIS. GUINÉ: O BANHO PODEROSO PARA DESCARREGO. TERRA, 2 MAI. 2021. DISPONÍVEL EM: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/guine-o-banho-poderoso-para-descarrego,d0e3eab41eabe5afb3dcb31afc8ffea2r7a9bszt.html>. ACESSO EM: 13 DEZ. 2024.

Figura 2: Arruda



FONTE: REVISTA CASA E JARDIM. ARRUDA: COMO CULTIVAR, USOS MEDICINAIS E APLICAÇÕES MÍSTICAS. 21 MAR. 2024. DISPONÍVEL EM: <https://revistacasaejardim.globo.com/paisagismo/noticia/2024/03/arruda-como-cultivar-usos-medicinais-e-aplicacoes-misticas.ghtml>. ACESSO EM: 13 DEZ. 2024.

Figura 3: Hortelã



FONTE: CICLOVIVO. COMO PLANTAR HORTELÃ. 11 JUN. 2020. DISPONÍVEL EM: <https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/horta/como-plantar-hortela/>. ACESSO EM: 13 DEZ. 2024.

Figura 4: Erva-doce



FONTE: COBASI. COMO PLANTAR ERVA-DOCE: DESCUBRA AGORA. 18 MAIO 2023. DISPONÍVEL EM: <https://blog.cobasi.com.br/como-plantar-erva-doce/>. ACESSO EM: 2 DEZ. 2024.

Figura 5: Maria do Rosário



Figura 6: Eliete Maria



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.